

Bibliografia

Bibliografia Geral:

Amaral, M. (2005). *A Guerra Peninsular Novas Interpretações – Da Europa dividida à União Europeia*. Lisboa: Tribuna da História.

A Artilharia em Portugal. Síntese Histórica da Artilharia Potuguesa. (1982). Porto: Museu Militar do Porto.

Aranha, B. (1909). *Nota acerca das Invasões Francezas em Portugal*. Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias.

AAVV. (2005). *Guerra Peninsular – Novas Interpretações*. Lisboa: Tribuna da História.

Azeredo, C. (2004). *Invasão do Norte (1809) A Campanha do General Silveira contra o Marechal Soult*. Lisboa: Tribuna da História.

Azeredo, C. (2005). *Aqui não passaram! O erro fatal de Napoleão*. Porto: Civilização Editora.

Bebiano, R. (1993). *Organização e papel do Exército*. In MATTOSO, José - História de Portugal. vol. 5. Lisboa: Círculo de Leitores, 1993. 260-261.

Bell, Q. (1992). - *Mode et société: essai sur la sociologie du vêtement*. Paris: P.U.F..

Branco, P. S. (2007). *Os Uniformes Portugueses da Guerra Peninsular*. Lisboa: Tribuna da História.

Brito, P. (1988). *Boletim da Liga dos amigos do Museu Militar do Porto*. nº 2. Porto: Edição da Imprensa Portuguesa.

Capela, J. V., Matos H., Borrallheiro, R. (2009). *Sempre Fiel e Leal - O Porto na Restauração Nortenha e Defesa da Independência Nacional (1808-1809)*. Porto: Área Metropolitana do Porto.

Chaby, C.(1865). *Excerptos Históricos e Collecção de Documentos relativos à Guerra Denominada da Península e às Anteriores de 1801, e do Roussillon e Cataluña. Parte Terceira, Guerra da Península*. Lisboa: Imprensa Nacional.

Chalfont, A. [et al.] (1993). *Battledress. The uniforms of the world's great armies: 1700 to the present*. London: Artus Books.

Cordeiro, J. M. L. (2006). *A Indústria Portuense no Século XIX* (Tese de Doutoramento/Formato Pdf.). Braga: Universidade do Minho.

Fernandes, M. A. E. C., Miranda, A. C. M. O. (1998). *Fábrica da Pólvora de Barcarena – Subsídio para um Roteiro de Fontes Arquivísticas e Bibliográficas*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras.

Ferrão, B. J.. (1997). *Projecto e Transformação Urbana do Porto na época dos Almadás, 1758/1813*. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.

Figueiredo, D. (2007). *A Real Fábrica da Pólvora de Barcarena 1725-1820 – Elementos para uma caracterização sócio-económica*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras/Museu da Pólvora Negra.

Funcken, L.; Funcken, F. (1967). *Le costume et les armes des soldats de tous les temps*. Paris: Casterman.

Gates, D. (1997). *The Napoleonic Wars 1803-1815*. Londres: Pimlico.

Gil, F. (1912). *A Infantaria Portuguesa na Guerra da Península*. Lisboa: Tipografia da Cooperativa Militar, tomo I.

Gorsline, D. (1991). *A History of Fashion. A Visual Survey of Costume from Ancient Times*. London: Fitzhouse Books.

Henriques, M. C.. (2002). *Salamanca (1812) Companheiros de Honra*. Lisboa : Tribuna da História.

Haythornthwaite, P. ; Hook, R. (1994). *British Cavalryman 1792-1815*. Oxford: Osprey Publishing.

Haythornthwaite, P. ; Chappell M. (1996). *Uniforms of the Peninsular Wars 1807-1814*. London: Arms and Armour.

Laver, J. (1948). *British Military Uniforms*. London: Penguin Books.

Le Noble, P. (ed. 2005). *Memorias de las operaciones militares de los Franceses en Galicia, Portugal y el Valle de Tajo en 1809*. Corunha: Arenas Publicaciones.

Leonard, N. (1996). *Wellington's Army recreated in Colour Photographs*. Londres: Windrow & Greene.

Lopes. C. S. (1957). *Exposição Histórico-Militar (em homenagem a Mouzinho de Albuquerque no 1º Centenário do seu nascimento)*. Porto: Câmara Municipal do Porto .

Macedo, J. B. (1982). *Problemas de história da indústria Portuguesa no século XVIII*. Lisboa: Editorial Quercó.

Macedo, J. B. (1990). *O Bloqueio Continental*. Lisboa: Gradiva.

Madureira, N. L. (1997). *Mercado e Privilégios: A Indústria Portuguesa entre 1750 e 1834*. Lisboa: Editorial Estampa.

Marly, D. (1986). *Fashion for Men: an illustrated history*. London: B. T. Batsford Books.

Martelo, D. (2007). *Os Caçadores – Os galos de combate do Exército de Wellington*. Lisboa: Tribuna da História.

Martins, F. (1945). *História do Exército Português*. Lisboa: Editorial Inquérito.

Neves, J. A. (ed. 2008). *História Geral da Invasão dos Franceses em Portugal e da Restauração deste Reino*. Porto : Edições Afrontamento.

Nunes, J. L. (1954). *As Brigadas da Cavalaria Portuguesa na Guerra Peninsular*. Lisboa : Tipografia Império.

Oliveira, V. (Coord.). (2009). *O Porto e as Invasões Francesas* (Vols. I, II, III, IV). Porto : Jornal O Público/Câmara Municipal do Porto.

Pedreira, J. M. V. (1994). *Estrutura Industrial e Mercado Colonial – Portugal e Brasil (1780-1830)*. Viseu: Difel.

Pétard, M. (1997). *De Fontenoy A Waterloo*. Paris: Histoire & Collections.

Pinto, A. S.; Calçada, J. C. A.; Silva, P. J. L. (2009). *A Cavalaria na Guerra Peninsular*. Lisboa: Tribuna da História.

Pires, S. (1935). *Uniformes dos Corpos de Caçadores do Exército Português*. Lisboa: Biblioteca do Exército.

Pivka, O. (1977). *The Portuguese Army of the Napoleonic Wars*. London: Osprey Publishing.

Quintela, A. C.; Cardoso, J. L.; Mascarenhas J. M.; André; M. C. (1998). *A Fábrica da Pólvora de Barcarena e os seus sistemas hidráulicos*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras.

Quintela, A. C.; Cardoso, J. L.; Mascarenhas J. M. (2000). *A Fábrica da Pólvora de Barcarena – Catálogo do Museu da Pólvora Negra*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras.

Real, M. (Coord.). (2009). *O Porto e as Invasões Francesas – Exposição Comemorativa do Bicentenário das Invasões Francesas no Porto*. Porto: Câmara Municipal do Porto.

Regalado, J. A. (1997). *Da pederneira à percussão*. Lisboa: Boletim da Sociedade Portuguesa de Armas Antigas.

Richards, D. S. (2002). *The Peninsula Years – Britains Red Coats in Spain & Portugal*. South Yorkshire: Pen & Sword.

Rubim, N. J. V. (1985). *Artilharia Histórica Portuguesa, fabricada em Portugal*. Lisboa: Edição do Museu Militar de Lisboa.

Rodrigues, M. R. (1998). *300 Anos de Uniformes Militares do Exército de Portugal 1660-1990*. Lisboa: Ed. Exército Português/Sociedade Histórica para a Independência de Portugal.

Rodrigues, M. R. (2000). *Guerra Peninsular (1) Infantaria 1806-1815*. Lisboa: Edições Destarte.

Rodrigues, M. R. (2003). *Guerra Peninsular (1) Cavalaria 1806-1815*. Lisboa: Edições Destarte.

Sanchez, R. T. (2006). *Possibilities and Limits-Testing in the Military fiscal State in the Anglo-Spanish War of 1779-1783*. Facultad de Ciências Económicas y Empresariales. Universidad de Navarra.

Sousa, M. L. M. (2008). *A Guerra Peninsular: Perspectivas Multidisciplinares – Congresso Internacional e Interdisciplinar evocativo da Guerra Peninsular (Actas Volumes I-II)*. Lisboa: Comissão Portuguesa de História Militar/Centro de Estudos Anglo-Portugueses-Universidade Nova de Lisboa.

Tormenta, J. P.; Fiéis, P. (2005). *A Primeira Invasão Francesa – As Batalhas da Roliça e do Vimeiro*. Caldas da Rainha: Nova Galáxia.

Valente, V. P. (2007). *Ir Prò Maneta: A Revolta contra os Franceses (1808)*. Lisboa: Alêtheia Editores.

Ventura, A.; Sousa, M. L. M. (Coord.). (2007). *Guerra Peninsular – 200 Anos*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal.

Vicente, A. P. (2000). *O Tempo de Napoleão em Portugal – Estudos Históricos*. Lisboa: Comissão Portuguesa de História Militar.

Warre, W. (1999). *Letters from the Peninsula 1808-1812*. Kent: Spellmount.

Wright, P. E. (2000). *Riflemen – Elite Soldiers of the Wars against Napoleon*. Londres: Military Illustrated.

Bibliografia Específica:

Amaral, M. (2004). *Oliveira (1801) Portugal em Guerra do Guadiana ao Paraguai*. Lisboa: Tribuna da História.

Barata, M. T.; Teixeira, M. S. (Coord). (2004). *Nova História Militar de Portugal* (vol. III). Lisboa: Círculo de Leitores.

Bird, N. Q. (1982). *The Observer's Book of Firearms*. London: Bloomsbury Books.

Black Jr. F. H. (2005). *Diplomatic Struggles: British Support in Spain and Portugal, 1800-1816*. Florida: The Florida State University.

Borges, J. V. (2009). *A Artilharia Portuguesa na Guerra Peninsular*. Lisboa: Tribuna da História.

Chartrand, R. (1996). *Napoleonic Wars – Napoleon's Army*. Londres: Brassey's Ltd.

Chartrand, R. (2000). *The Portuguese Army of the Napoleonic Wars* (vol. 1). Oxford: Osprey Publishing.

Chartrand, R. (2000). *The Portuguese Army of the Napoleonic Wars* (vol. 2). Oxford: Osprey Publishing.

Chartrand, R. (2001). *The Portuguese Army of the Napoleonic Wars* (vol. 3). Oxford: Osprey Publishing.

Chartrand, R. (2001). *Vimeiro 1808 – Wellesley's first victory in the Peninsular War*. Oxford: Osprey Publishing.

Chartrand, R. (2001). *Bussaco 1810 – Wellington defeats Napoleon's Marshals*. Oxford: Osprey Publishing.

Chartrand, R.; Coelho, S. V. (2006). *A Infantaria Ligeira da Guerra Peninsular*. Almeida: Edição da Câmara Municipal.

Chappell, M. (1999). *British Infantry Equipments (1) 1808-1908*. Oxford: Osprey Publishing.

Centeno, J. (2008). *O Exército Português na Guerra Peninsular, Do Rossilhão ao fim da Segunda Invasão Francesa – 1807-1810*. Lisboa: Prefácio-Edição de Livros e Revistas, Ld.^a, Vol. I.

Coelho, A. M.; Fonseca, C. A. (Coord.). (2009). *O Exército Português e as Comemorações dos 200 Anos da Guerra Peninsular*. (I volume). Lisboa: Exército Português/Tribuna da História.

Coelho, S. V. (1998). *Figurinos Militares da Regeneração, Aparência e Realidade 1848-1892* (Tese de Mestrado). Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Coelho, S. V. (1998). *Uniformologia, o Jogo da Aparência e Realidade* (Separata da Revista População e Sociedade/CEPFAM). Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Coelho, S. V. (2000). *Uniformologia Militar Portuguesa 1806-1896 – O Jogo das Regras e Excepções*. (Separata da Revista Museu IV Série - nº9). Porto: Círculo Dr. José Figueiredo.

Coelho, S. V. (2001). *Uniformologia Militar Portuguesa 1806-1896 – O Jogo das Regras e Excepções*. (Monografia de Pós-Graduação). Lisboa: Universidade Lusíada.

Coelho, S. V. (2003). *Evolução dos Uniformes dos Generais do Exército Português* (in Volume I da obra *Os Generais do Exército Português*). Lisboa: Estado Maior do Exército.

De La Fuente, F. A. (1980). *Dom Miguel Pereira Forjaz: His Early Career and Role in the mobilization and defense of Portugal during the Peninsular War, 1807-1814*. (PhD.) Florida: The Florida State University.

Esdaile, C. (2001). *La Guerra de Independencia - una nueva Historia*. Barcelona: Crítica Ediciones.

Júnior, B. G. C., *O Trem do Ouro* (1959). in *Tripeiro*, V Série, Ano XIV.

Lains, P. (1995). *A Economia Portuguesa no Século XIX*. Lousã: Imprensa Nacional Casa da Moeda.

Marques, F. P. (1981). *Exército e Sociedade em Portugal: No declínio do Antigo Regime e advento do Liberalismo*. Lisboa: A Regra do Jogo.

Mata, E.; Valério N. (1994). *História Económica de Portugal – Uma perspectiva global*. Lisboa: Editorial Presença.

Matos, A. M. C. (1998). *Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento Industrial no Portugal Oitocentista – O caso dos Lanifícios do Alentejo*. Lisboa: Editorial Estampa.

Mendes, J. M. A. (1993). *Etapas e limites da industrialização*. História de Portugal, vol. V. (Dir. José Mattoso). Lisboa: Círculo de Leitores.

Mollo, J. (1993). *The American Civil War and After: 1860-1914. In Battledress. The Uniforms of the world's great armies: 1700 to the present*. London: Artus Books.

Mollo, J. (1972). *Trois siècles d'uniformes militaires*. Fribourg: Office du Livre.

Moon, J., L.(2005). *Wellington's two front war, The Peninsula Campaigns, 1808-1814*. Florida: The Florida State University.

Peterson, H. L. (1964). *Encyclopaedia of Firearms*. London: The Connoisseur Books.

Roche, D. (1989)- *La culture des apparences. Une histoire du vêtement: XVII - XVIII siècle*. Paris: Librairie Anthème Fayard.

Silva, C. G. (Coord.) (2009). *Turres Veteras XI – A Guerra Peninsular*. Torres Vedras: Câmara Municipal de Torres Vedras/Universidade de Lisboa/Edições Colibri.

Sousa, R. M. (2006). *Moeda e Metais Preciosos no Portugal Setecentistas 1688-1797*. S/L: Imprensa Nacional Casa da Moeda.

Telo, A. J. (1994). *Economia e Império no Portugal Contemporâneo*. Lisboa: Edições Cosmos.

Telo, A. J. (2004). *Os Militares e a Inovação no Século XIX in Nova História Militar de Portugal* (Coord. Manuel Themudo Barata e Nuno Severiano Teixeira). Lisboa: Círculo de Leitores.

Vichiness, S. E. (1976). *Marshal of Portugal: The Military Career of William Carr Beresford, 1785-1814*. Florida: The Florida State University.

Fontes de Arquivo Impressas:

Ordens do Dia. 1809 –1812:

Ordem do Dia de 18 de Abril de 1809: 24.

Ordem do Dia de 24 de Abril de 1809: 15.

Ordem do Dia de 23 de Julho de 1809: 83.

Ordem do Dia do 5 de Agosto de 1809: 9.

Ordem do Dia de 15 de Agosto de 1809: 100.

Ordem do Dia de 24 de Setembro de 1809: 118.

Ordem do Dia de 26 de Setembro de 1809: 123.

Ordem do Dia de 22 de Novembro de 1809: 162.

Ordem do Dia de 4 de Fevereiro de 1810: 19.

Ordem do Dia de 25 de Fevereiro de 1810: 35.

Ordem do Dia de 6 de Março de 1810: 44-45.

Ordem do Dia de 28 de Abril de 1810: 85-86.

Ordem do Dia de 27 de Abril de 1810: 185.

Ordem do Dia de 1 de Novembro de 1810: 188.

Ordem do Dia de 29 de Outubro de 1811: 197.

Ordem do Dia de 26 de Novembro de 1811: 216.

Ordem do Dia de 16 de Junho de 1812:102.

Fontes de Arquivo Manuscritas:

Arquivo Histórico Militar – (AHM – Lisboa) – ficheiros extraídos de <http://infogestnet.dyndns.info/infogestnet2007/Default.aspx> entre Novembro de 2007 e Agosto de 2008:

1ª Divisão – 13ª Secção

AHM-DIV-1-13-02-13-m0001.
AHM-DIV-1-13-02-13-m0011.
AHM-DIV-1-13-02-13-m0017.
AHM-DIV-1-13-02-13-m0044/45.
AHM-DIV-1-13-02-13-m0049.
AHM-DIV-1-13-02-13-m0050.
AHM-DIV-1-13-02-13-m0049/51.
AHM-DIV-1-13-02-13-m0051.
AHM-DIV-1-13-02-13-m0053/55.
AHM-DIV-1-13-12-07-m0003.
AHM-DIV-1-13-12-07- m0007/14.
AHM-DIV-1-13-12-07-m0016.
AHM-DIV-1-13-12-07- m0017.
AHM-DIV-1-13-14-23 m0001/2/3.
AHM-DIV-1-13-19-01-m0004/17.
AHM-DIV-1-13-29-08-m0001.
AHM-DIV-1-13-64-01-m0001.
AHM-DIV-1-13-64-01-m0002.
AHM-DIV-1-13-64-01-m0003.
AHM-DIV-1-13-64-01-m0004.
AHM-DIV-1-13-64-01-m0007.
AHM-DIV-1-13-64-01-m0008.
AHM-DIV-1-13-64-01-m0009.
AHM-DIV-1-13-64-01-m0010.
AHM-DIV-1-13-64-01-m0011.
AHM-DIV-1-13-64-01-m0012.

AHM-DIV-1-13-64-01-m0013.
AHM-DIV-1-13-64-01-m0014.
AHM-DIV-1-13-64-01-m0015.
AHM-DIV-1-13-64-01-m0016.
AHM-DIV-1-13-64-01-m0017.
AHM-DIV-1-13-64-01-m0018.
AHM-DIV-1-13-64-01-m0101.
AHM-DIV-1-13-64-01-m0102.
AHM-DIV-1-13-64-01-m0103.
AHM-DIV-1-13-64-01-m0156.
AHM-DIV-1-13-64-01-m0157.
AHM-DIV-1-13-64-01-m0158.

1ª Divisão – 14ª Secção

AHM-DIV-1-14-17-m0001.
AHM -DIV -1-14-18-23 m0001.
AHM-DIV-1-14-18-23-m0002.
AHM-DIV-1-14-19-m0001.
AHM-DIV-1-14-22-01-m0047/49.
AHM-DIV-1-14-22-01-m0048.
AHM-DIV-1-14-22-01-m0073.
AHM-DIV-1-14-22-05-m0002.
AHM-DIV-1-14-23-03-m0010.
AHM-DIV-1-14-23-03-m0024.
AHM-DIV-1-14-23-03-m0210.
AHM-DIV-1-14-23-03-m0212.
AHM-DIV-1-14-23-03-m0345.
AHM-DIV-1-14-23-03-m0436.
AHM-DIV-1-14-23-03-m0437.
AHM-DIV-1-14-23-03-m0438.
AHM-DIV -1-14-38-m0012.
AHM-DIV-1-14-38-05-m0083.
AHM-DIV-1-14-39-05-m0045.
AHM-DIV-1-14-39-05-m0042/43.
AHM-DIV-1-14-39-06-m0040.

AHM-DIV-1-14-40-02-m0074.
AHM-DIV-1-14-40-02-m0075.
AHM-DIV-1-14-42-01-m0053.
AHM-DIV-1-14-42-01-m0054.
AHM-DIV-1-14-42-02-m0082/83.
AHM-DIV-1-14-42-02-m0325/326.
AHM-DIV-1-14-42-02-m0327/328/329.
AHM-DIV-1-14-58-02-m0004/11.
AHM-DIV-1-14-58-02-m0005.
AHM-DIV-1-14-58-02-m0007.
AHM-DIV-1-14-58-02-m0006.
AHM-DIV-1-14-58-02-m0008.
AHM-DIV-1-14-58-02-m0009.
AHM-DIV-1-14-58-02-m0011.
AHM-DIV-1-14-135-01-m0001.
AHM -DIV -1-14-135-01-m0003.
AHM-DIV-1-14-135-01-m0007.
AHM-DIV-1-14-135-01-m0009.
AHM-DIV-1-14-135-01-m0012.
AHM-DIV-1-14-135-01-m0013.
AHM-DIV-1-14-135-01-m0014.
AHM-DIV-1-14-135-01-m0015.
AHM-DIV-1-14-135-01-m0016.
AHM-DIV-1-14-135-01-m0017.
AHM-DIV-1-14-135-01-m0018.
AHM-DIV-1-14-135-01-m0019.
AHM-DIV-1-14-135-01-m0020.
AHM-DIV-1-14-135-01-m0021.
AHM-DIV-1-14-135-01-m0022.
AHM-DIV-1-14-135-01-m0024.
AHM-DIV-1-14-135-01-m0025.
AHM-DIV-1-14-135-01-m0027.
AHM-DIV-1-14-135-01-m0028.
AHM-DIV-1-14-135-01-m0034.
AHM-DIV-1-14-135-01-m0036.
AHM-DIV-1-14-135-01-m0038/48.

AHM-DIV-1-14-135-01-m0052.
AHM-DIV-1-14-135-01-m0056.
AHM-DIV-1-14-135-01-m0057.
AHM-DIV-1-14-135-01-m0059.
AHM-DIV-1-14-135-01-m0060.
AHM-DIV-1-14-144-m0003.
AHM-DIV-1-14-144-01-m0056.
AHM-DIV-1-14-144-01-m0058.
AHM-DIV-1-14-144-01-m0060.
AHM-DIV-1-14-144-01-m0061/62/63/64.
AHM-DIV-1-14-144-02-m0001.
AHM-DIV-1-14-144-02-m0002.
AHM-DIV-1-14-144-02-m0008.
AHM-DIV-1-14-144-02-m0024.
AHM-DIV-1-14-144-02-m0032.
AHM-DIV-1-14-144-02-m0052.
AHM-DIV-1-14-144-02-m0067.
AHM-DIV-1-14-144-02-m0068.
AHM-DIV-1-14-144-02-m0084.
AHM-DIV-1-14-144-02-m0083.
AHM-DIV-1-14-144-02-m0085.
AHM-DIV-1-14-144-02-m0086.
AHM-DIV-1-14-144-02-m0104/105/106.
AHM-DIV-1-14-144-03-m0001.
AHM-DIV-1-14-144-03-m0010/11.
AHM-DIV-1-14-144-03-m0012/13.
AHM-DIV-1-14-144-03-m0014.
AHM-DIV-1-14-144-03-m0032.
AHM-DIV-1-14-144-03-m0038.
AHM-DIV-1-14-144-03-m0039.
AHM-DIV-1-14-144-03-m0042.
AHM-DIV-1-14-144-03-m0058.
AHM-DIV-1-14-144-03-m0059.
AHM-DIV-1-14-144-03-m0060.
AHM-DIV-1-14-144-03-m0061.
AHM-DIV-1-14-144-03-m0070.

AHM-DIV-1-14-144-03-m0097.
AHM-DIV-1-14-157-02-m0009.
AHM-DIV-1-14-157-02-m0016.
AHM-DIV-1-14-158-08-m0001.
AHM-DIV-1-14-158-08-m0009.
AHM-DIV-1-14-158-08-m0010/11.
AHM-DIV-1-14-158-08-m0012.
AHM-DIV-1-14-158-08-m0013.
AHM-DIV-1-14-158-08-m0014.
AHM-DIV-1-14-158-08-m0015.
AHM-DIV-1-14-158-08-m0017.
AHM-DIV-1-14-158-08-m0019.
AHM-DIV-1-14-158-08-m0020.
AHM-DIV-1-14-158-08-m0021.
AHM-DIV-1-14-158-08-m0022.
AHM-DIV-1-14-158-08-m0023.
AHM-DIV-1-14-158-08-m0024.
AHM-DIV-1-14-158-08-m0025.
AHM-DIV-1-14-158-08-m0026.
AHM-DIV-1-14-195-11-m0001.
AHM-DIV-1-14-265-01-m0021.
AHM-DIV-1-14-265-01-m0022.
AHM-DIV-1-14-265-01-m0023/24.
AHM-DIV-1-14-265-01-m0027.
AHM-DIV-1-14-265-01-m0043.
AHM-DIV-1-14-265-01-m0047.
AHM-DIV-1-14-265-01-m0048.
AHM-DIV-1-14-265-01-m0049.
AHM-DIV-1-14-265-01-m0070.
AHM-DIV-1-14-265-01-m0071.
AHM-DIV-1-14-265-01-m0080.
AHM-DIV-1-14-265-01-m0081.
AHM-DIV-1-14-265-01-m0084.
AHM-DIV-1-14-265-01-m0099.
AHM-DIV-1-14-265-01-m0100.
AHM-DIV-1-14-265-01-m0105.

AHM-DIV-1-14-265-02-m0007.
AHM-DIV-1-14-265-02-m0009.
AHM-DIV-1-14-265-02-m0018.
AHM-DIV-1-14-265-02-m0019.
AHM-DIV-1-14-265-02-m0023.
AHM-DIV-1-14-265-02-m0024.
AHM-DIV-1-14-265-02-m0025.
AHM-DIV-1-14-265-02-m0026.
AHM-DIV-1-14-265-02-m0028.
AHM-DIV-1-14-265-02-m0029.
AHM-DIV-1-14-265-03-m0011/12.
AHM-DIV-1-14-265-03-m0024/25.
AHM-DIV-1-14-265-03-m0026.
AHM-DIV-1-14-265-03-m0027.
AHM-DIV-1-14-265-03-m0028.
AHM-DIV-1-14-265-03-m0029.
AHM-DIV-1-14-265-03-m0030.
AHM-DIV-1-14-265-03-m0031.

Arquivo Distrital do Porto – (ADP-Porto)

ADP K21 2 34 Lv2-001.
ADP K21 2 34 Lv2-001-003.
ADP K21 2 34 Lv2-004.
ADP K21 2 34 Lv2-007.
ADP K21 2 34 Lv2-008.
ADP K21 2 34 Lv2-011.
ADP K21 2 34 Lv2-012.
ADP K21 2 34 Lv2-013.
ADP K21 2 34 Lv2-014.
ADP K21 2 34 Lv2-015.
ADP K21 2 34 Lv2-016.
ADP K21 2 34 Lv2-017.
ADP K21 2 34 Lv2-018.
ADP K21 2 34 Lv2-019.

ADP K21 2 34 Lv2-020.
ADP K21 2 34 Lv2-021.
ADP K21 2 34 Lv2-022.
ADP K21 2 34 Lv2-023.
ADP K21 2 34 Lv2-024.
ADP K21 2 34 Lv2-025.
ADP K21 2 34 Lv2-026.
ADP K21 2 34 Lv2-027.
ADP K21 2 34 Lv2-028.
ADP K21 2 34 Lv2-029.
ADP K21 2 34 Lv2-031.
ADP K21 2 34 Lv2-032.
ADP K21 2 34 Lv2-033.
ADP K21 2 34 Lv2-034.
ADP K21 2 34 Lv2-131.
ADP K21 2 34 Lv2-132.
ADP K21 2 34 Lv2-143.
ADP K21 2 34 Lv2-145.
ADP K21 2 34 Lv2-147.
ADP K21 2 34 Lv2-151-153.
ADP K21 2 34 Lv2-155-156.
ADP K21 2 34 Lv2-156.
ADP K21 2 34 Lv2-158.
ADP K21 2 34 Lv2-159.
ADP K21 2 34 Lv2-165-168.
ADP K21 2 34 Lv2-169.
ADP K21 2 34 Lv2-170.
ADP K21 2 34 Lv2-171.
ADP K21 2 34 Lv2-175.
ADP K21 2 34 Lv2-176.
ADP K21 2 34 Lv2-185-187.
ADP K21 2 34 Lv2-186.
ADP K21 2 34 Lv2-187.
ADP K21 2 34 Lv2-189.
ADP K21 2 34 Lv2-189-192.
ADP K21 2 34 Lv2-190.

ADP K21 2 34 Lv2-195-198.
ADP K21 2 34 Lv2-198.
ADP K21 2 34 Lv2-207-209.
ADP K21 2 34 Lv2-212-217.
ADP K21 2 34 Lv2-341.
ADP K21 2 34 Lv2-342.
ADP K21 2 34 Lv2-343.
ADP K21 2 34 Lv2-345-349.
ADP K21 2 34 Lv2-348.
ADP K21 2 34 Lv2-351.
ADP K21 2 34 Lv2-352.
ADP K21 2 34 Lv2-389-393.
ADP K21 2 34 Lv2-395-422.
ADP K21 2 34 Lv2-399.
ADP K21 2 34 Lv2-400.
ADP K21 2 34 Lv2-401.
ADP K21 2 34 Lv2-419.
ADP K21 2 34 Lv2-420.
ADP K21 2 34 Lv2-422.

Arquivo Distrital de Braga - (ADB –Braga)

ADB/UM – Arquivo do Conde da Barca, caixa 8, documento: 8/12.
ADB/UM – Arquivo do Conde da Barca, caixa 8, documento: 13.

Arquivos Nacionais da Torre do Tombo - (ANTT - Lisboa)

ANTT Maço 361, Caixa 483: 1.

The National Archives - (TNA - Londres)

TNA WO 6 164.
TNA WO 6 172.
TNA WO 18 1.

TNA WO 342 18.
TNA WO 72/79 57.
TNA WO 72/79 58.
TNA WO 72/79 59.
TNA WO 72/79 60.
TNA WO 72/79 61.
TNA WO 72/79 62.
TNA WO 72/79 63.
TNA WO 72/79 64.
TNA WO 72/79 65.
TNA WO 72/79 66.
TNA WO 72/79 67.
TNA WO 72/79 68.
TNA WO 72/79 69.
TNA WO 72/79 70.
TNA WO 72/79 71.
TNA WO 72/79 72.
TNA WO 72/79 73.
TNA WO 72/79 74.
TNA WO 72/79 75.
TNA WO 72/79 76.
TNA WO 72/79 77.
TNA WO 72/79 78.
TNA WO 72/79 79.
TNA WO 72/79 80.
TNA WO 72/79 81.
TNA WO 72/79 82.
TNA WO 72/79 83.
TNA WO 72/79 84.
TNA WO 72/79 85.
TNA WO 1121 551.
TNA WO 1121 552.
TNA WO 1121 553.
TNA WO 1121 554.
TNA WO 1123 73.
TNA WO 1223 99.

TNA WO 1223 100.
TNA WO 1223 103.
TNA WO 1223 104.
TNA WO 1223 262.
TNA WO 1223 263.
TNA WO 1223 264.
TNA WO 1240 341.
TNA WO 1240 342.
TNA WO 1240 355.
TNA WO 1248 44.
TNA WO 1248 159.
TNA WO 1248 160.
TNA WO 1248 161.
TNA WO 1248 273.
TNA WO 1849 364.
TNA WO 1849 390.
TNA WO 1849 391.
TNA WO 1849 392.
TNA WO 1258 200.
TNA WO 1258 201.
TNA WO 1258 202.
TNA WO 1258 203.
TNA WO 1258 205.
TNA WO 1258 209.
TNA WO 1258 250.
TNA FO 342 18.

Anexos



Figura 1. Localização das estruturas do Arsenal Real do Exército na malha urbana actual. Executada por sobreposição electrónica das plantas de 1811-1813, respeitantes à Fundição de Baixo, Fundição de Cima e Parque de Santa Clara,¹sobre uma projecção de satélite, extraída do programa Google Earth e que cobre as áreas de Santa Apolónia, Estrela e Santa Clara, em Lisboa.

¹ Gentilmente cedidas pelo Gabinete de Estudos Arqueológicos da Engenharia Militar, da Direcção de Infra-Estruturas do Exército.

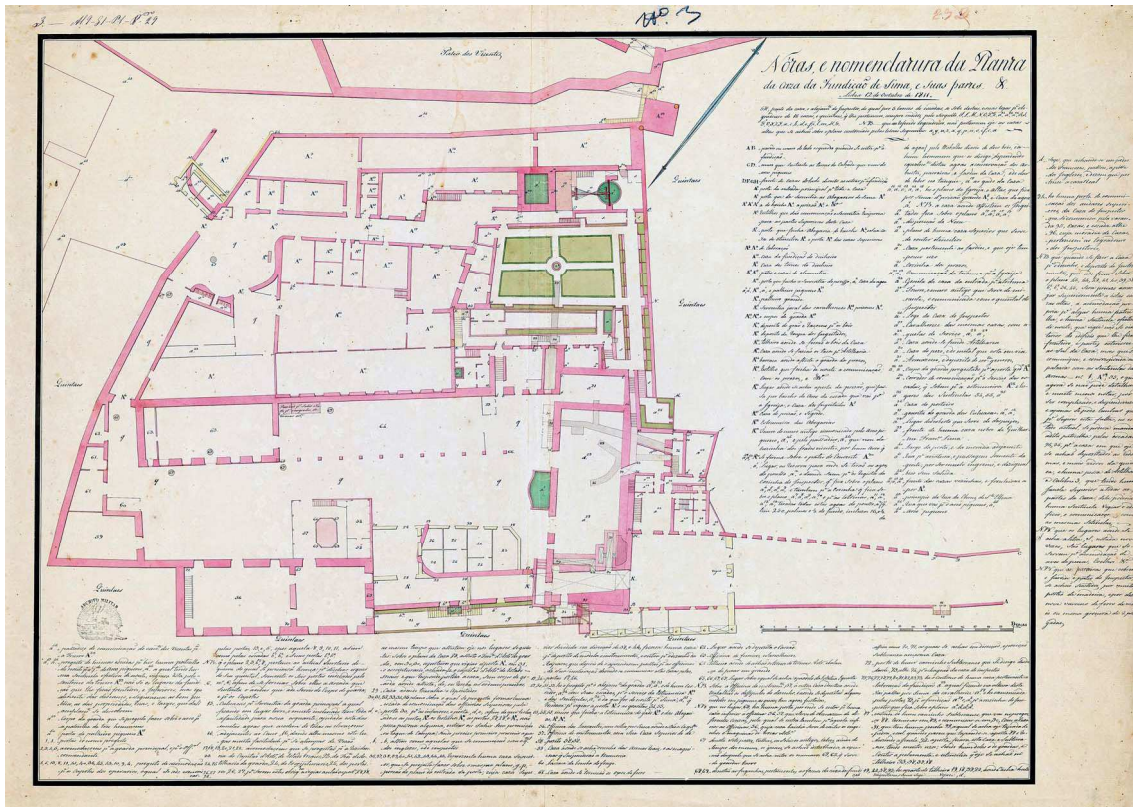


Figura 2. Fundição de Cima (1811): Cota 3845_IV-2-23-32: Gabinete de Estudos Arqueológicos da Engenharia Militar/Direcção de Infra-Estruturas do Exército.

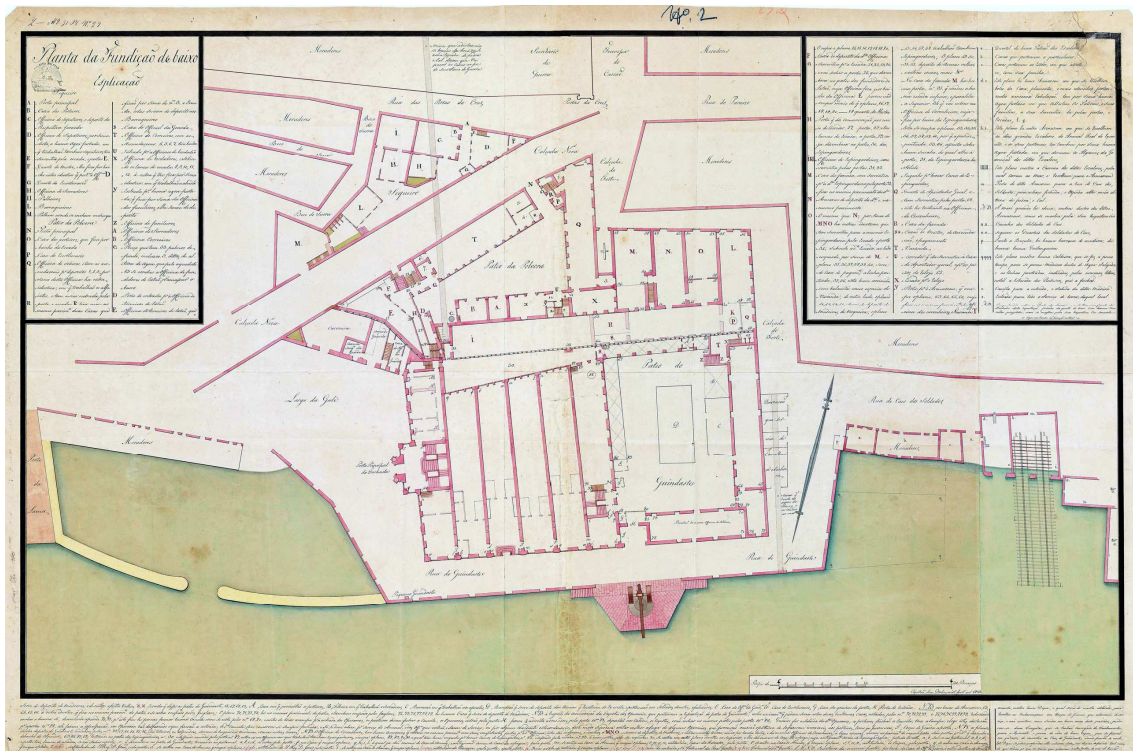


Figura 4. Fundição de Baixo (1811): Cota 3845_V-2-23-32: Gabinete de Estudos Arqueológicos da Engenharia Militar/Direcção de Infra-Estruturas do Exército.

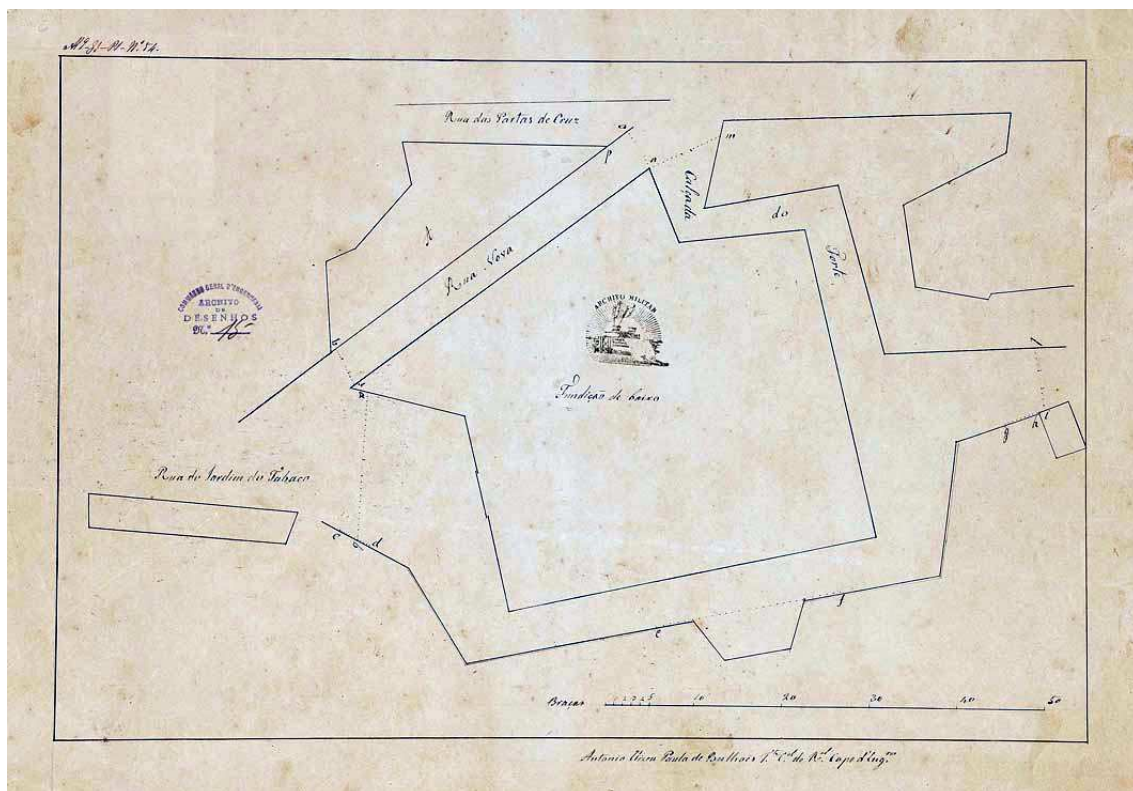


Figura 5. Fundição de Baixo (2ª metade do século XIX): Cota 2307-2-16-22: Gabinete de Estudos Arqueológicos da Engenharia Militar/Direcção de Infra-Estruturas do Exército.

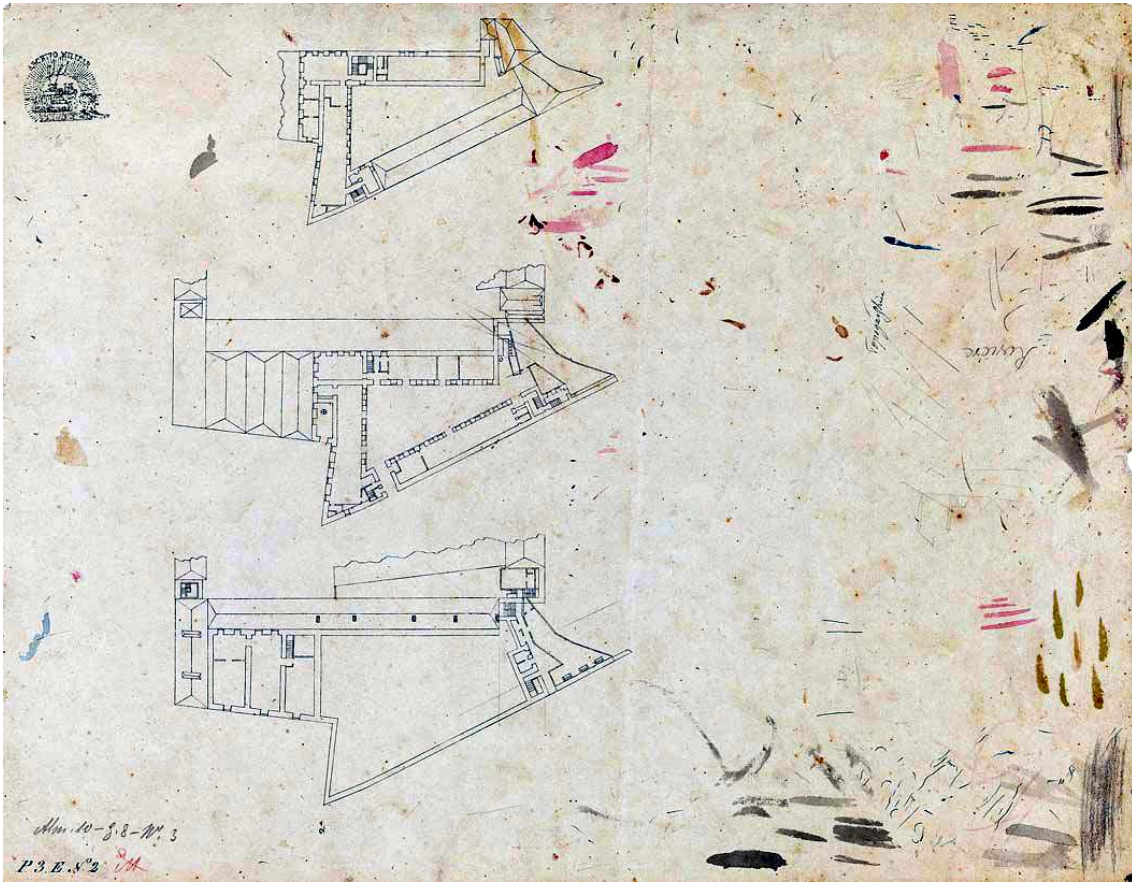


Figura 6. Fundação de Baixo: Cota 2373-2-22-31. Gabinete de Estudos Arqueológicos da Engenharia Militar/Direcção de Infra-Estruturas do Exército

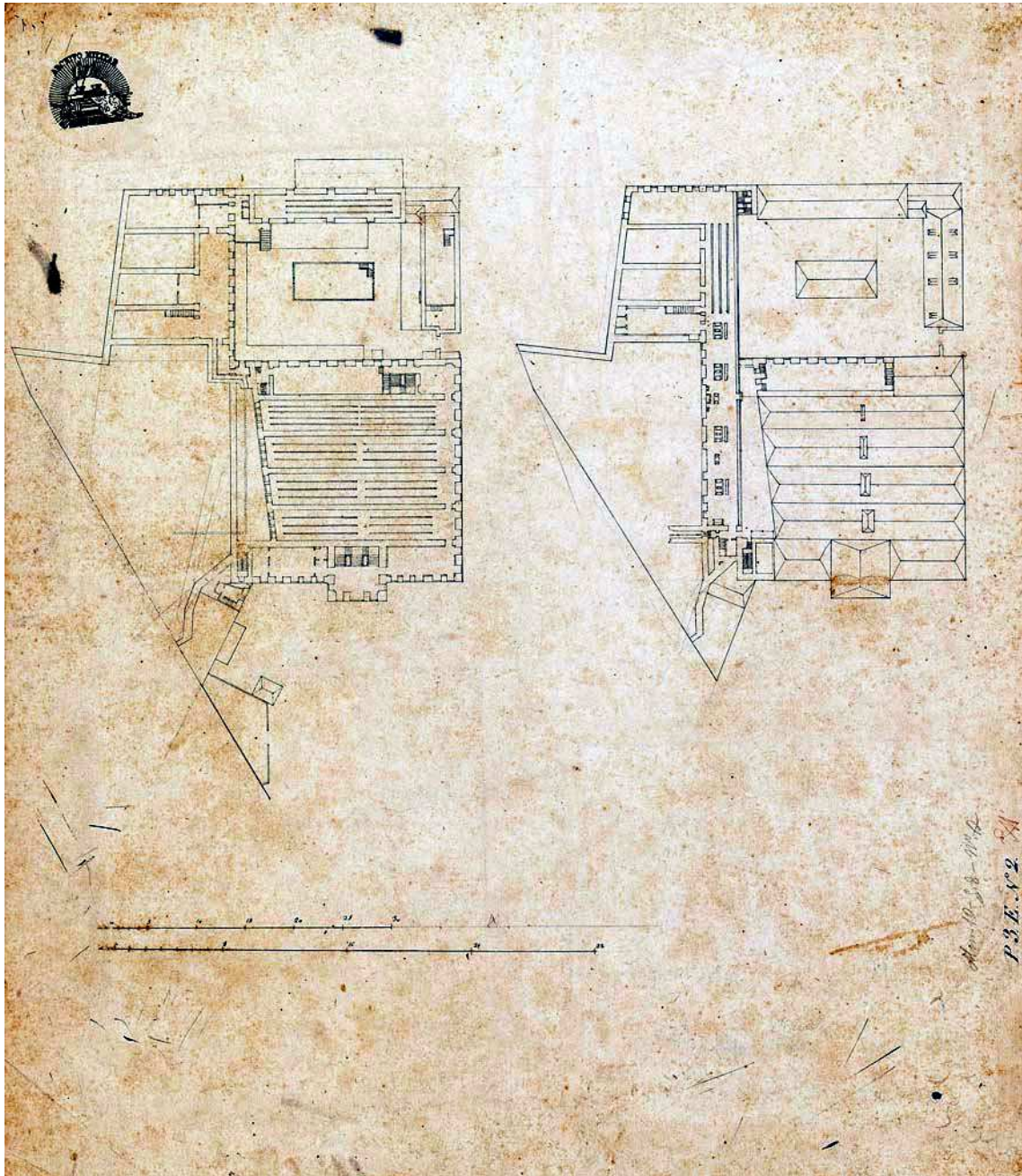


Figura 7. Fundação de Baixo: Cota 2375-2-22-31: Gabinete de Estudos Arqueológicos da Engenharia Militar/Direcção de Infra-Estruturas do Exército.

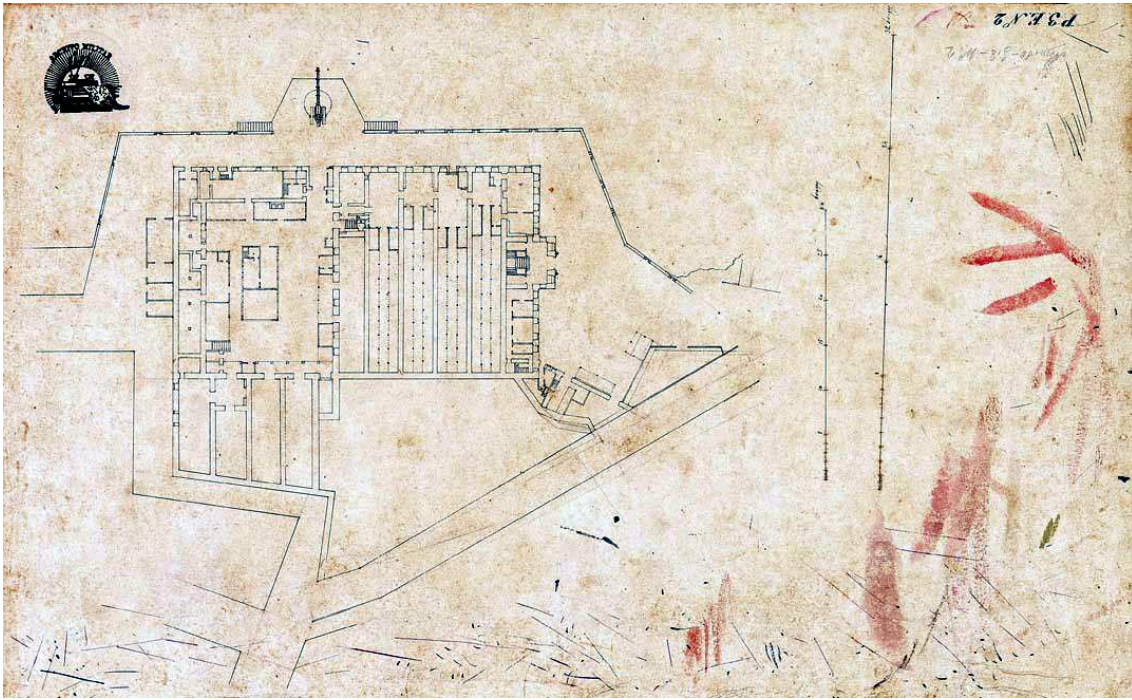


Figura 8. Fundição de Baixo: Cota 2375-2-22-31: Gabinete de Estudos Arqueológicos da Engenharia Militar/Direcção de Infra-Estruturas do Exército.

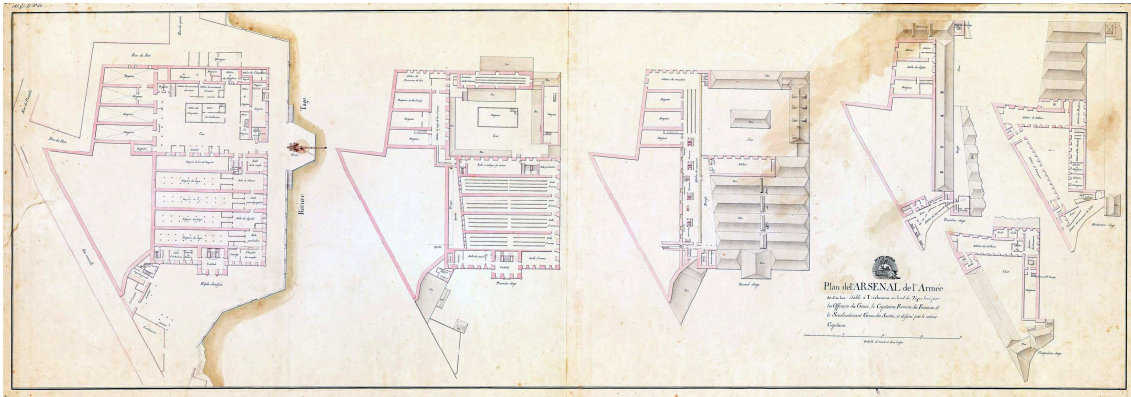


Figura 9. Pisos da Fundição de Baixo (1811): Cota 2477-2-21-30: Gabinete de Estudos Arqueológicos da Engenharia Militar/Direcção de Infra-Estruturas do Exército

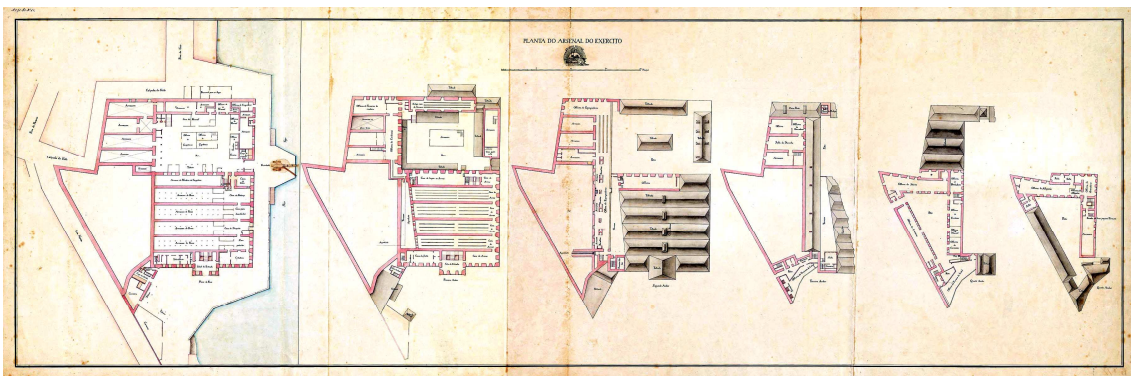


Figura 10. Pisos da Fundição de Baixo (1811): Cota 2477-2-21-31: Gabinete de Estudos Arqueológicos da Engenharia Militar/Direcção de Infra-Estruturas do Exército.

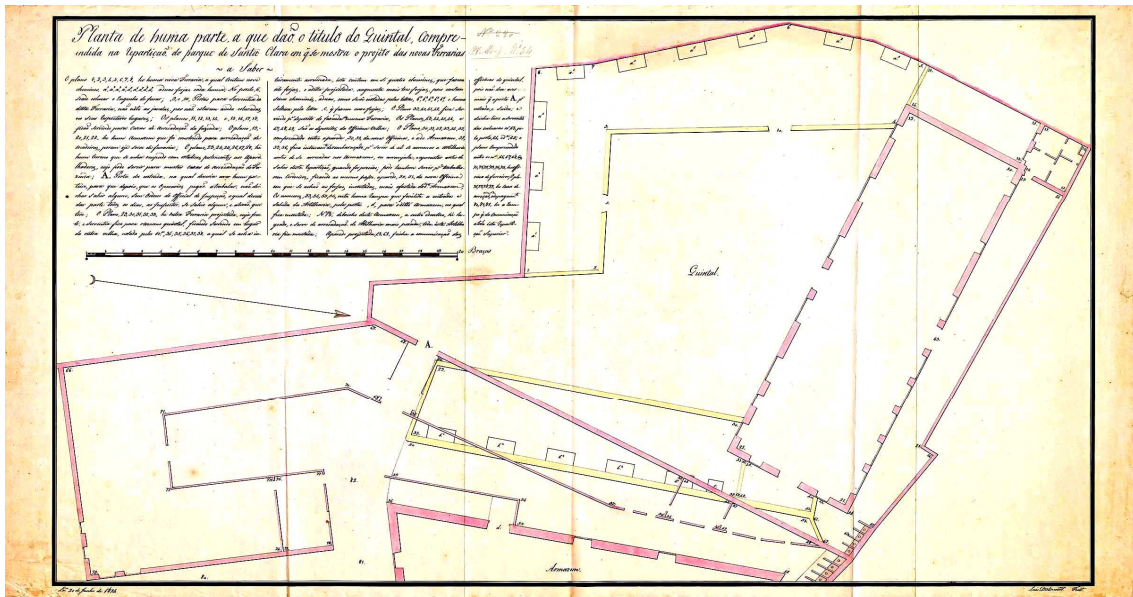


Figura 11. Ferrarias do Parque de Santa Clara (1811): Cota 3649-3-37-51: Gabinete de Estudos Arqueológicos da Engenharia Militar/Direcção de Infra-Estruturas do Exército.

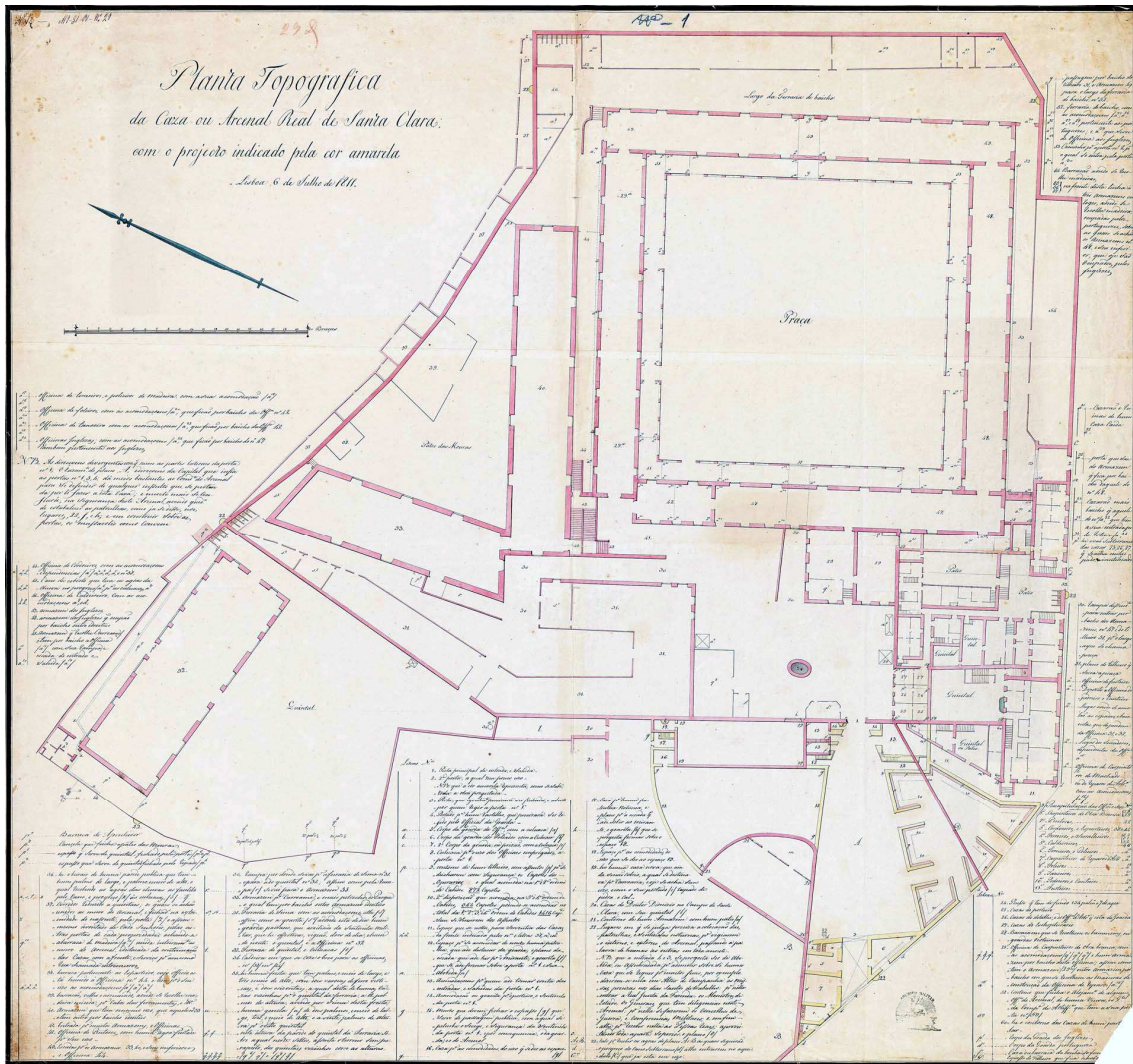


Figura 12. Parque de Santa Clara (1811): Cota 3845_VI-2-23-32: Gabinete de Estudos Arqueológicos da Engenharia Militar/Direcção de Infra-Estruturas do Exército.

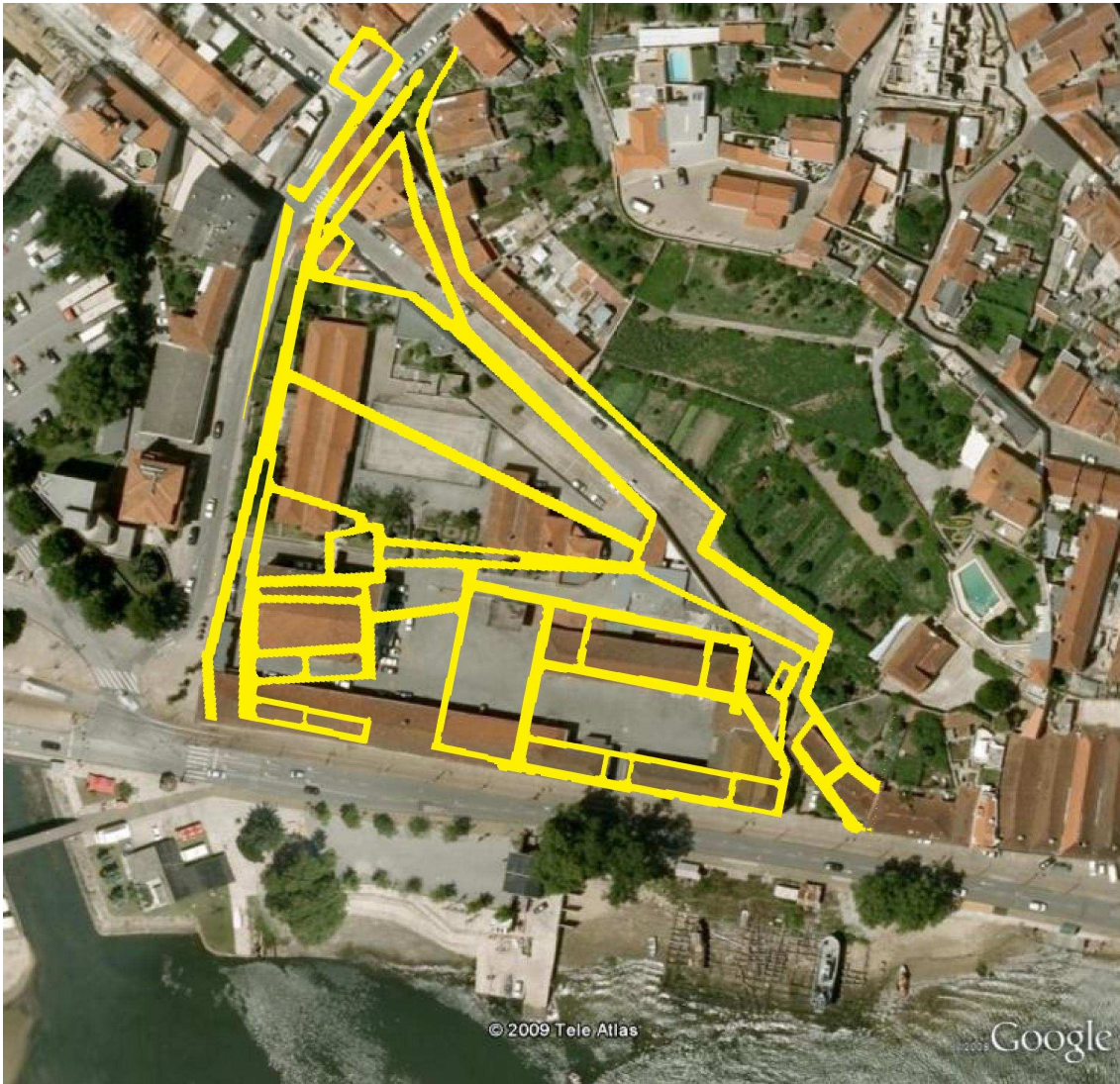


Figura 14. Localização do Arsenal Real do Porto na malha urbana actual. Executada por sobreposição electrónica da planta de 1870, respeitante ao Trem do Ouro,²sobre uma projecção de satélite, extraída do programa Google Earth e que cobre a área ribeirinha de Lordelo do Ouro, no Porto.

² Gentilmente cedida pelo Gabinete de Estudos Arqueológicos da Engenharia Militar, da Direcção de Infra-Estruturas do Exército.

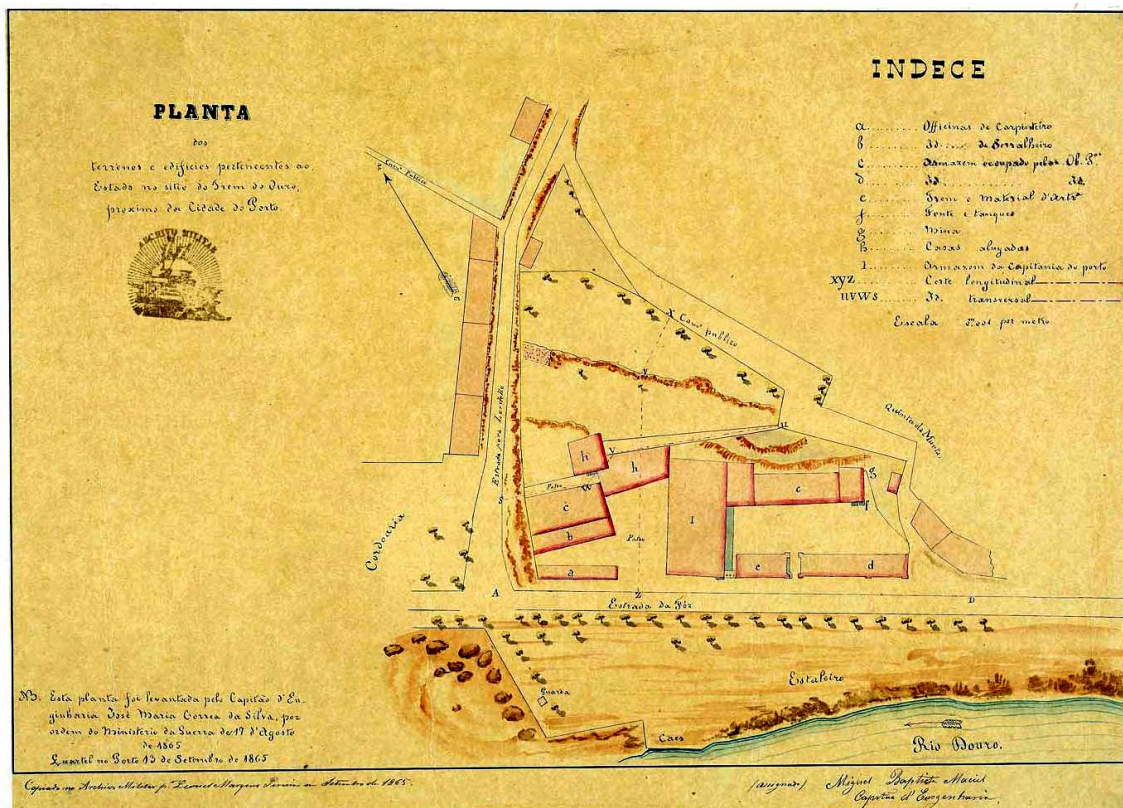


Figura 16. Trem do Porto (1865): Cota 3686-1A-11A-46: Gabinete de Estudos Arqueológicos da Engenharia Militar/Direcção de Infra-Estruturas do Exército.

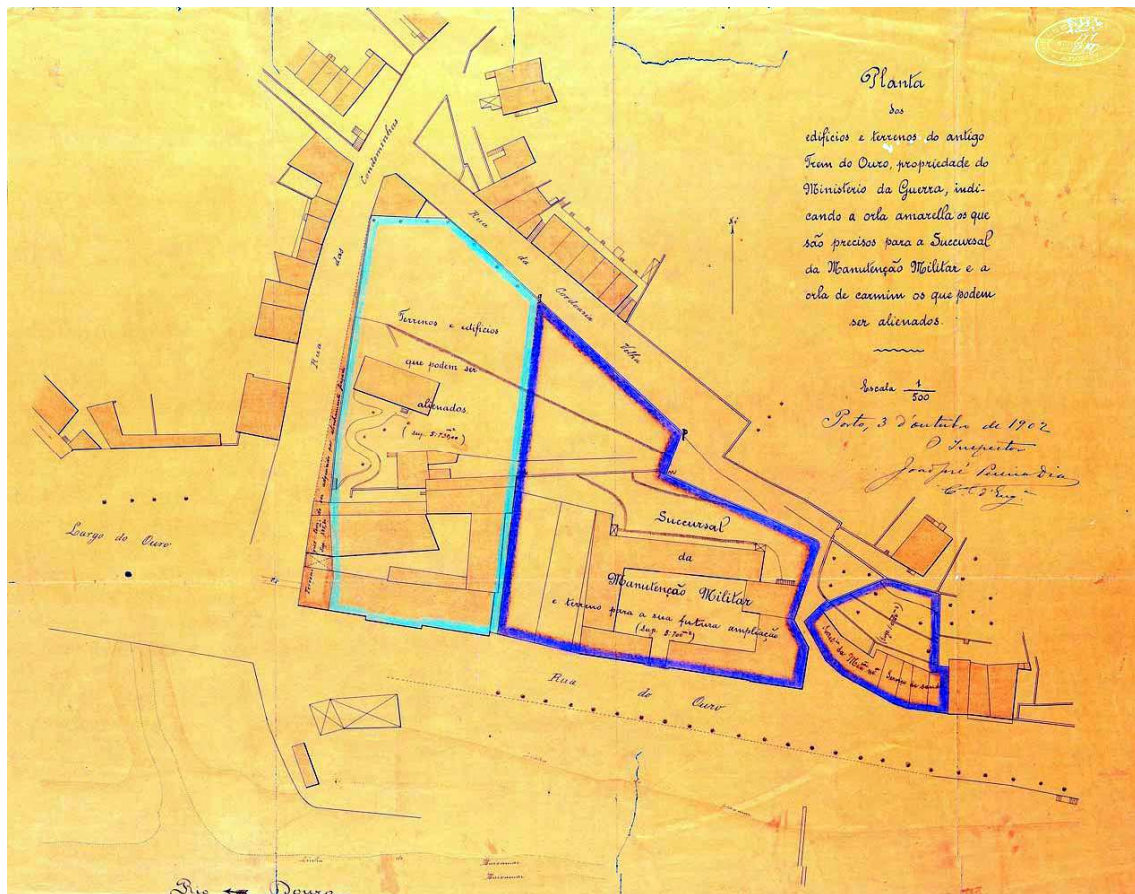


Figura 17. Trem do Ouro (1902): Cota 7830-5-72-78: Gabinete de Estudos Arqueológicos da Engenharia Militar/Direcção de Infra-Estruturas do Exército.

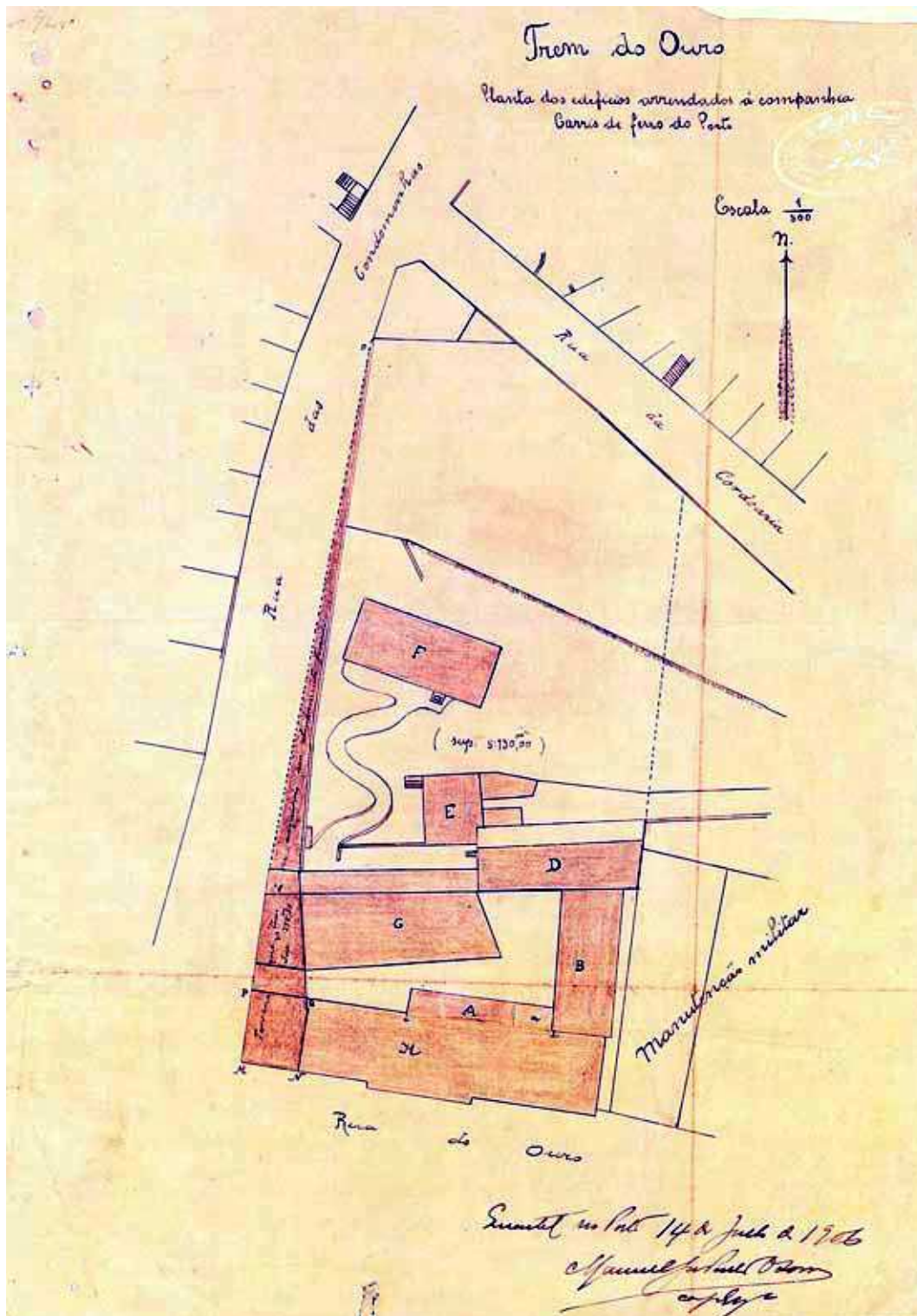


Figura 18. Trem do Ouro (1906): Cota 7872-5-72-78: Gabinete de Estudos Arqueológicos da Engenharia Militar/Direcção de Infra-Estruturas do Exército.

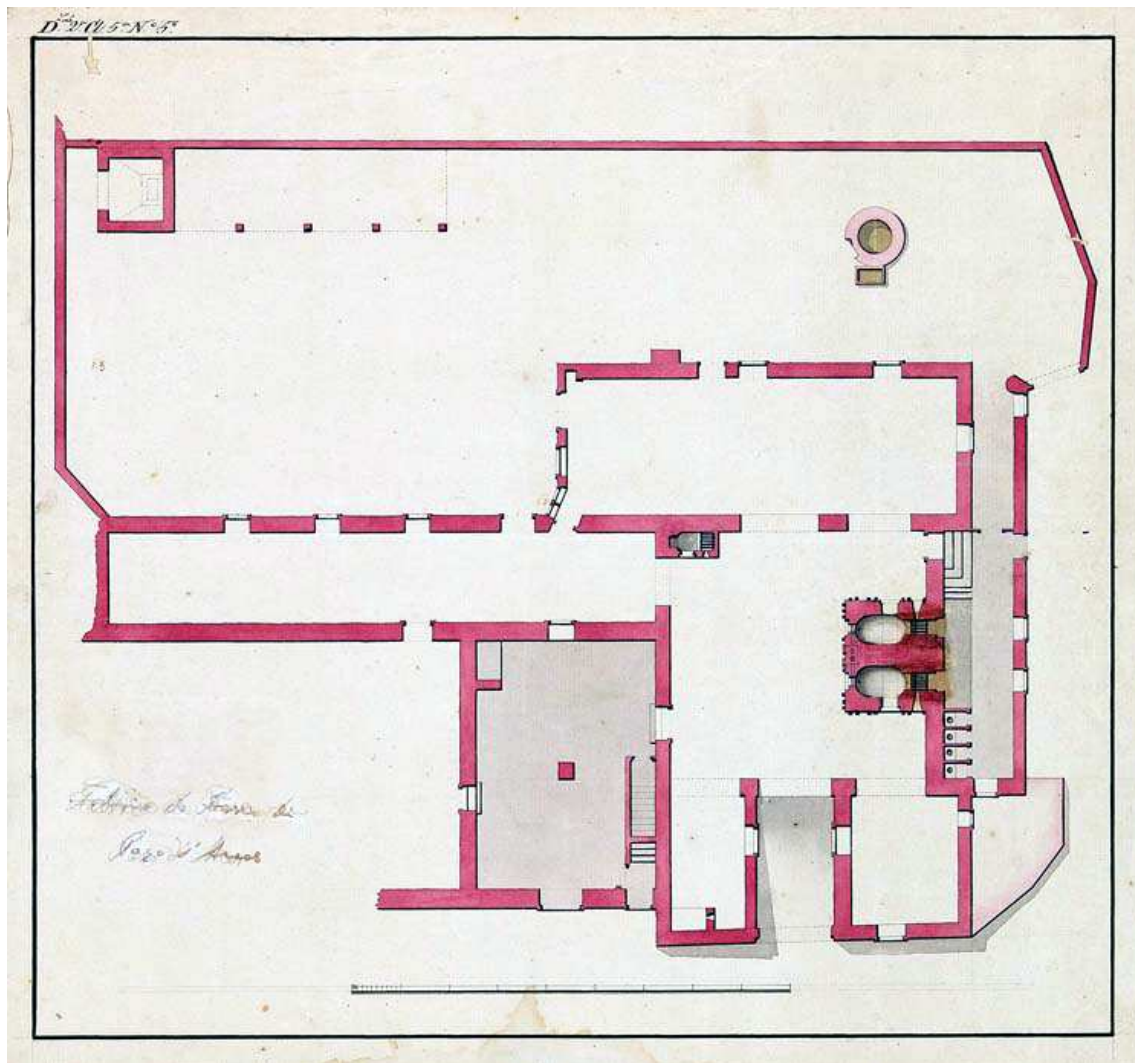


Figura 19. Fundação de Paço de Arcos (1ª metade do século XIX): Cota 3213-2A-27-39: Gabinete de Estudos Arqueológicos da Engenharia Militar/Direcção de Infra-Estruturas do Exército.

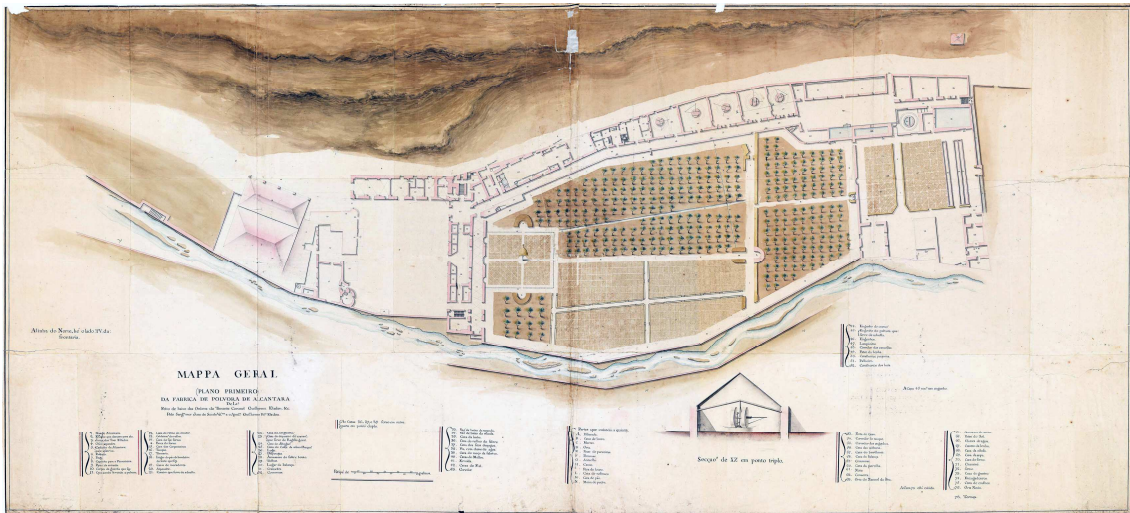


Figura 20. Fábrica de Pólvora de Alcantãra: Cota 2411-2-21-30: Gabinete de Estudos Arqueológicos da Engenharia Militar/Direcção de Infra-Estruturas do Exército.

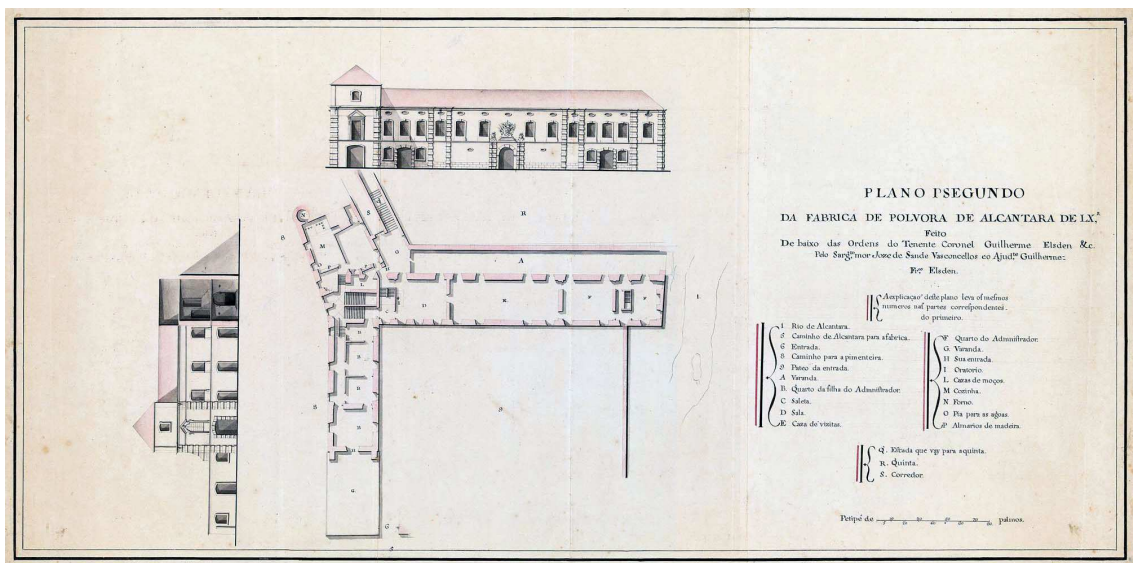


Figura 21. Fábrica de Pólvora de Alcantãra: Cota 2412-2-21-30: Gabinete de Estudos Arqueológicos da Engenharia Militar/Direcção de Infra-Estruturas do Exército.

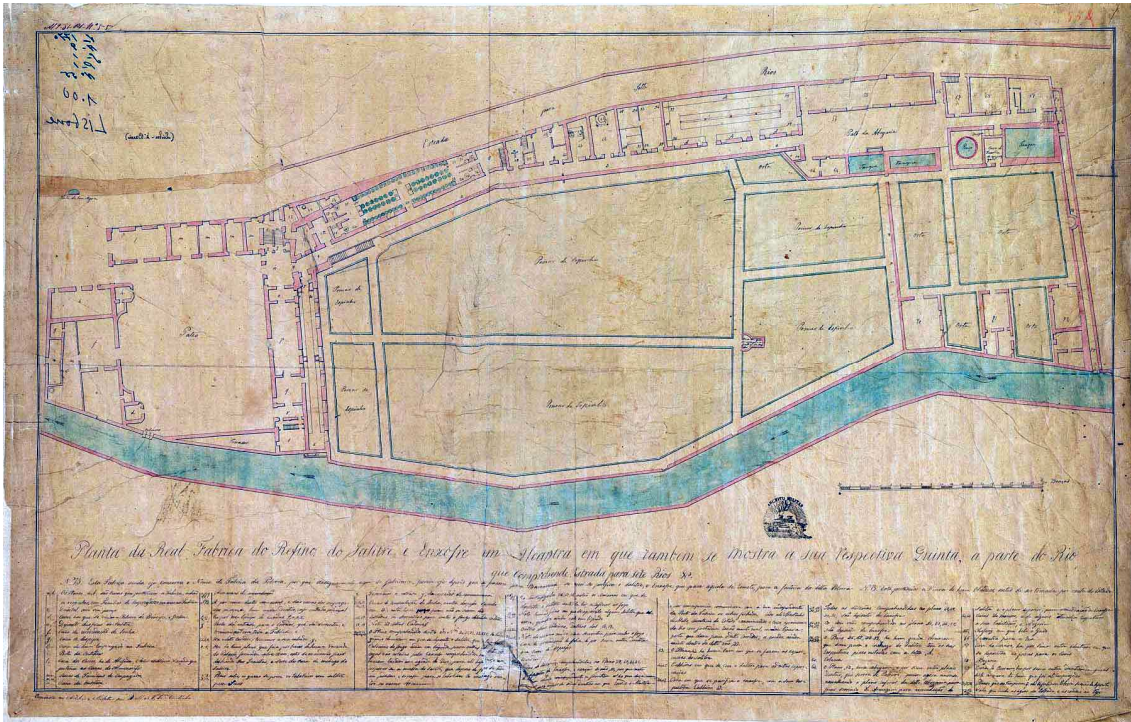


Figura 22. Refinaria de Salitre de Alcântara: Cota 2473-2-22-31: Gabinete de Estudos Arqueológicos da Engenharia Militar/Direcção de Infra-Estruturas do Exército.

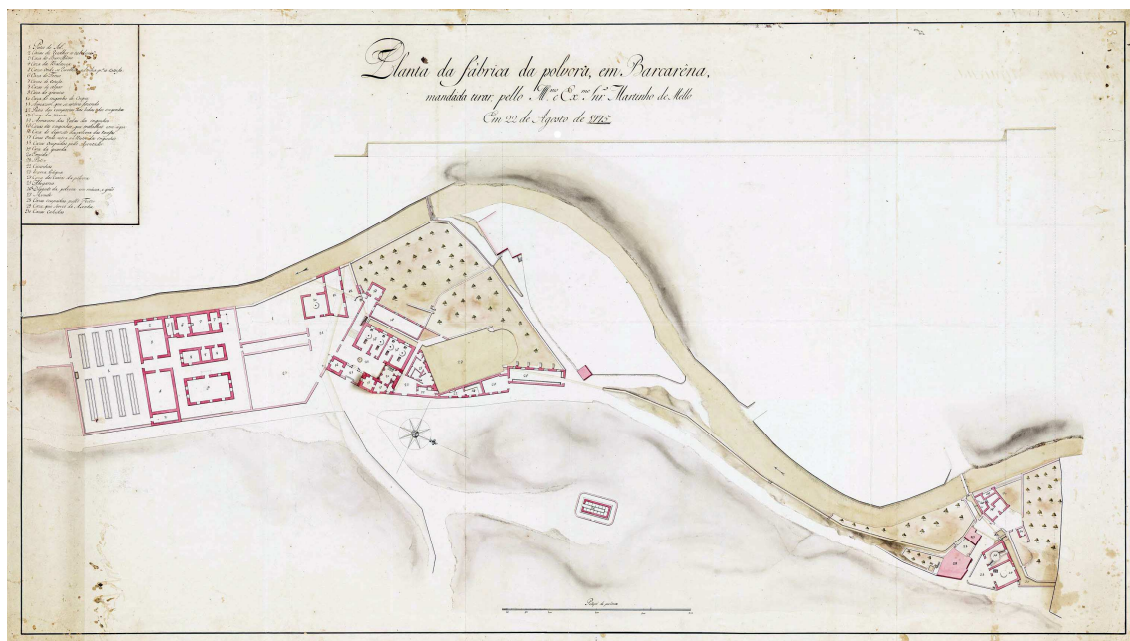


Figura 23. Fábrica de Pólvora de Barcarena: Cota 678-1-4-7: Gabinete de Estudos Arqueológicos da Engenharia Militar/Direcção de Infra-Estruturas do Exército.

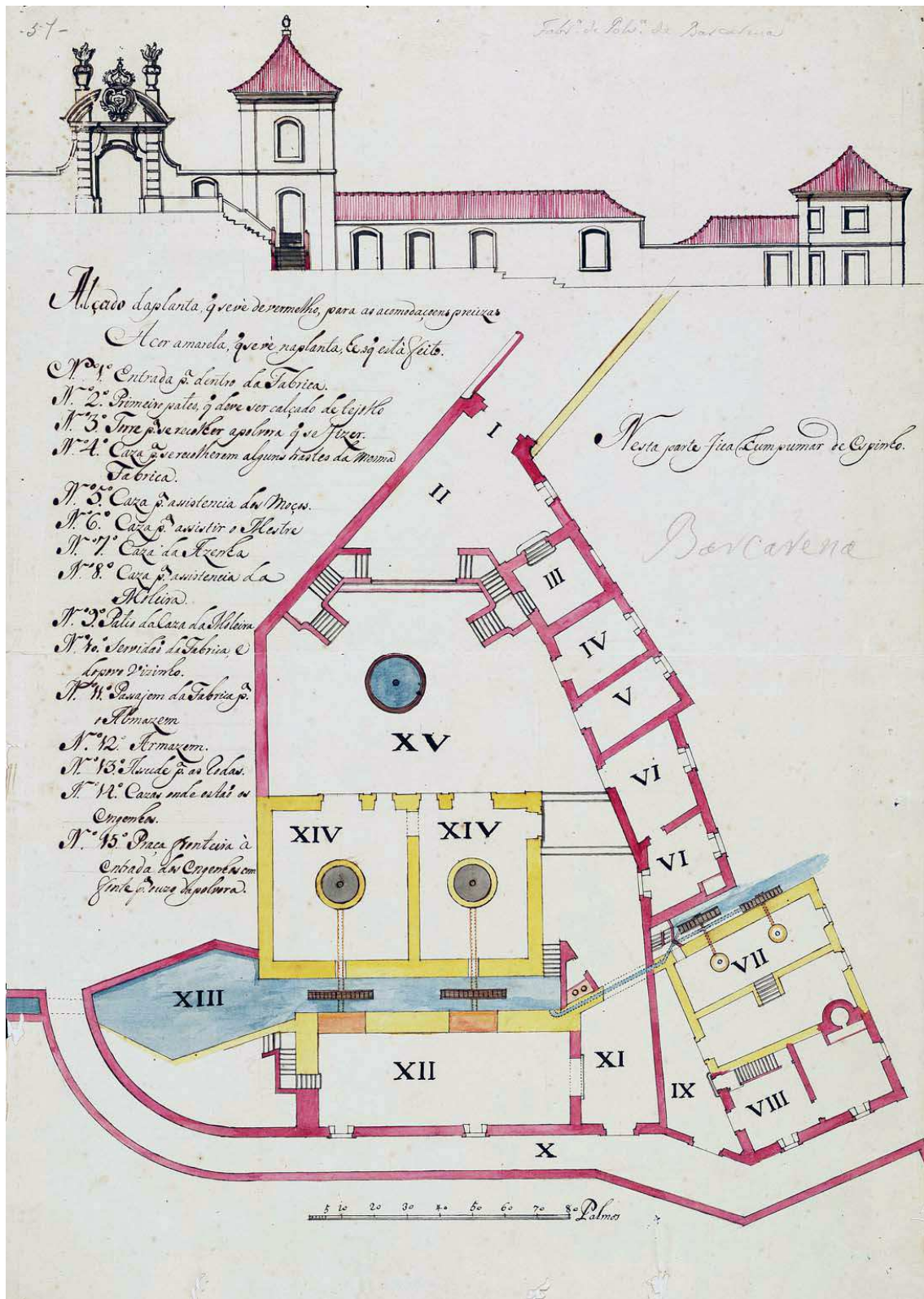


Figura 24. Fábrica de Pólvora de Barcarena (Fachada): Cota 680-1-4-7: Gabinete de Estudos Arqueológicos da Engenharia Militar/Direcção de Infra-Estruturas do Exército.

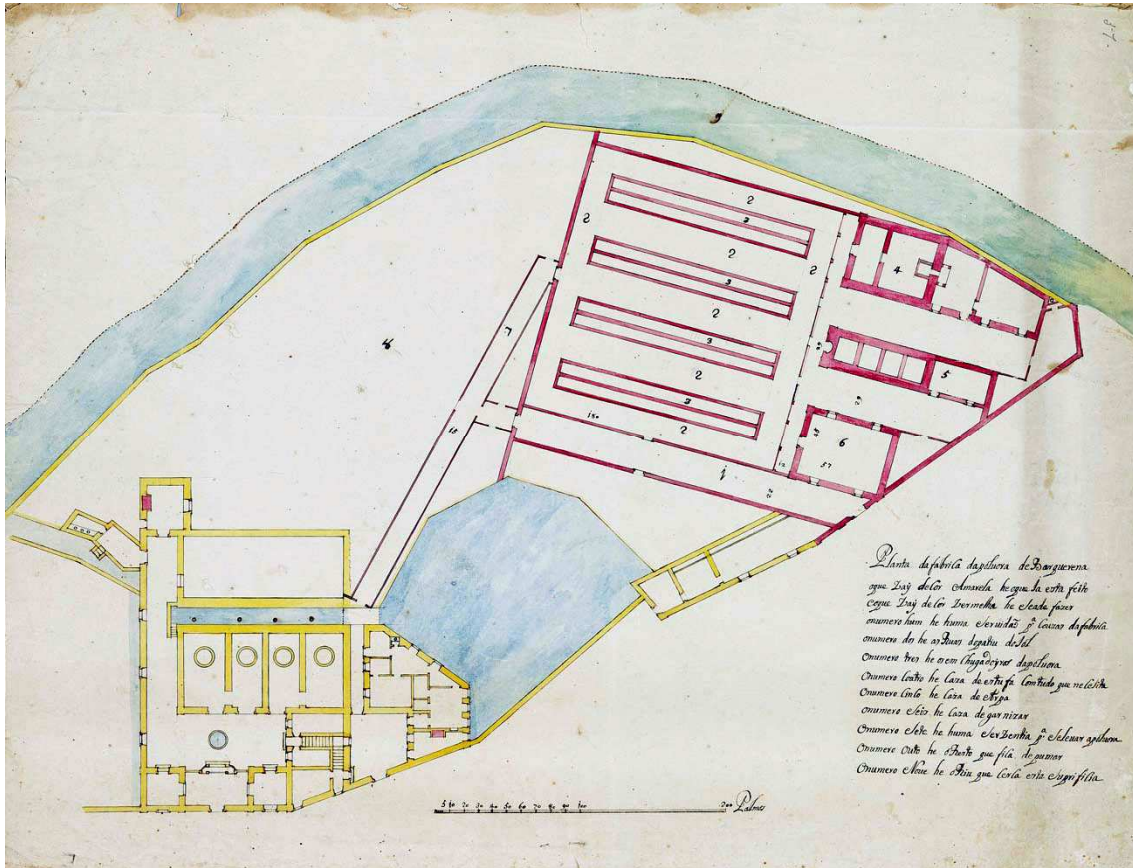


Figura 25. Fábrica de Pólvora de Barcarena (máquinas): Cota 681-1-4-7: Gabinete de Estudos Arqueológicos da Engenharia Militar/Direcção de Infra-Estruturas do Exército.



Figura 26. Espingarda Brown Bess – Foto: Museu Militar do Porto.

Classificação:	Espingarda
Designação:	Espingarda de Infantaria
Marca:	Tower GR
Fabricante:	Vários não especificados
País de origem:	Inglaterra
Modelo:	Índia Pattern
Ano de fabrico:	1804 – 1815
Número:	513
Quantidade fabricada:	1.603.700
Calibre:	(.75") 19 mm
Carregamento:	Pela boca
Mecanismo de tiro:	Fecho de pederneira
Carregador:	Vareta manual
Ignição:	Sílex (pederneira)
Cano:	Cilíndrico
Comprimento do cano:	990 mm
Número de estrias:	Alma lisa
Velocidade Inicial:	274 m/s
Alça:	Inexistente
Ponto de mira:	Inexistente
Chapa de couce:	Recurvada
Comprimento total:	139 cm
Peso:	4.42 Kg (sem baioneta)
Gravações na platina direita:	Tower GR Coroa Real Encimada pela Cruz. A marca (Coroa Real) está por baixo da caçoleta, o que significa que é propriedade do Estado ³

³ Classificação gentilmente fornecida por José António Faria e Silva, Presidente da Associação Napoleónica Portuguesa.



Figura 27. Espingarda Brown Bess, pormenor das fecharias do sistema de pederneira e em que o sílex e o mordente de chumbo não estão colocados – Foto: Museu Militar do Porto.



Figura 28. Carabina (ou Clavina) de Cavalaria– Foto: Museu Militar do Porto.

Classificação:	Carabina
Designação:	Carabina de Cavalaria Ligeira
Marca:	Tower
Fabricante:	Vários não especificados
País de origem:	Inglaterra
Modelo:	Light Dragoon
Ano de fabrico:	1804 – 1815
Calibre:	17 mm
Carregamento:	Pela boca
Mecanismo de tiro:	Fecho de pederneira
Carregador:	Vareta basculante
Ignição:	Sílex (pederneira)
Cano:	Cilíndrico
Comprimento do cano:	570 mm
Número de estrias:	Alma lisa
Velocidade Inicial:	N/d
Alça:	Inexistente
Ponto de mira:	Inexistente
Chapa de couce:	Recurvada
Comprimento total:	900 cm
Peso:	3,40 Kg
Gravações na platina direita:	Tower; Cifra coroada do Rei Jorge III de Inglaterra, posteriormente apagada. ⁴

⁴ Classificação gentilmente fornecida por José António Faria e Silva, Presidente da Associação Napoleónica Portuguesa.



Figura 29. Carabina de Cavalaria, pormenor das fecharias do sistema de pederneira e em que o sílex e o mordente de chumbo não estão colocados – Foto: Museu Militar do Porto.



Figura 30. Pistolas de Cavalaria 1816/17 – Foto: Museu Militar do Porto.

Classificação:	Pistolas de cavalaria
Marca:	Não existente
Fabricante:	1 – Armeiro anónimo do Porto 2 – Armeiro anónimo de Braga
País de origem:	Portugal
Ano de fabrico:	1 – 1817 2 – 1816
Marcas regimentais:	1 – RGD 42 (existente no guarda-mato) 2 – R (?)
Quantidade fabricada:	Desconhecida
Calibre:	17 mm
Carregamento:	Pela boca do cano
Platina e fecho:	1 – Fecho com marcas portuguesas, IR corado (Ioannes Rex), Porto 1817 2 – Fecho com marcas portuguesas, IR corado (Ioannes Rex), Braga 1816
Ignição:	Sílex (pederneira)
Cano:	Cónico com vareta de carregamento ligada ao mesmo por meio de uma articulação móvel
Comprimento do cano:	230 mm
Número de estrias:	Alma lisa
Coronha/Fuste:	Bem acabadas interiormente à máquina. No interior encontram-se 6 pontos marcados idênticos aos da patilha do cano e na parte de trás do cão
Comprimento total:	395 mm

Peso:	1,355 kg
Gravações no cano:	1/2 – Cano em aço de fabrico belga, com punção de Liège e vareta à portuguesa ⁵

⁵ Classificação gentilmente fornecida por José António Faria e Silva, Presidente da Associação Napoleónica Portuguesa.



Figura 31. Espada de Cavalaria Pesada, modelo de 1796 – Foto: Museu Militar do Porto.

Modelo:	De origem inglesa, tornou – se regulamentar em Portugal a partir da Guerra Peninsular para equipar a cavalaria portuguesa, nomeadamente os famosos Dragões de Chaves
Materiais:	Aço, ferro e madeira
Dimensões totais:	993 mm
Dimensão da lâmina:	870 mm de comprimento e 37 mm de largura máxima
Peso:	Cerca de 1050 gramas sem a bainha
Bainha:	Comprimento, 916 mm
Peso da bainha:	900 gramas ⁶

⁶ Classificação gentilmente fornecida por José António Faria e Silva, Presidente da Associação Napoleónica Portuguesa.



Figura 32. Espada de Oficial para Infantaria e Artilharia, modelo de 1806 – Foto: Museu Militar do Porto.

Modelo	Regulamentar a partir do Plano de Uniformes de 1806 (a peça apresentada não possui bainha, sendo esta de ferro com bocal, com uma braçadeira de uma só argola de suspensão e com guarda-lama)
Materiais:	Aço, ferro, latão e prata
Dimensões totais:	972 mm
Dimensão da lâmina:	812 mm de comprimento e 27 mm de largura máxima
Peso:	Cerca de 600 gramas sem a bainha ⁷

⁷ Classificação gentilmente fornecida por José António Faria e Silva, Presidente da Associação Napoleónica Portuguesa.



Figura 33. Modelo de Casaca de Caçadores⁸ 1809/1814, Batalhão de Caçadores N.º 6 – Foto: Museu Militar do Porto.

Esta casaca, ou “farda”, era feita de lã castanho escuro (denominada de “Saragoça”) e o seu feitiço era estruturalmente baseado nos modelos da Leal Legião Lusitana e dos Rifle Regiments britânicos. A partir de 1809, as casacas de Caçadores tiveram forros, vivos, acortelados e botões em cor preta, o que lhes conferia uma aparência menos visível do que os anteriores modelos de 1808 cujo acostelado e botões eram amarelos. As distinções entre os Batalhões de

⁸ Réplica de 1910 (Comemorações do 1º Centenário da Guerra Peninsular).

Caçadores, inicialmente seis unidades em Outubro de 1809, posteriormente aumentados para doze em Maio de 1811, eram feitas através da diferenciação das cores das golas e dos canhões. No caso do Batalhão de Caçadores N.º 6, as golas e canhões eram amarelos. No Inverno, as tropas de Caçadores usavam calças de “Saragoça” com polainas e botins pretos. No Verão, todos os batalhões eram autorizados a usar calças de linho ou algodão brancas, geralmente sobre as polainas. Os oficiais e sargentos tinham uniformes similares, mas com encordoados dourados para os primeiros e de seda amarela para os últimos. Para além da ornamentação dourada, usavam charlateiras do modelo de Cavalaria e botas de couro do tipo “Hessiano”. A barretina, foi, no início, do modelo português de 1806 com a frente levantada com corda e pluma verdes, à excepção da Companhia de Atiradores que usava pluma negra. Posteriormente o modelo de 1806 foi substituído, por questões de logística, pelo modelo inglês de barretina cilíndrica. Em qualquer dos casos a chapa consistia na tradicional corneta de Caçadores com o número de Batalhão sobre o conjunto, a partir de 1809. Só nos Caçadores era autorizado o uso de divisas de sargentos e cabos, ditas à “inglesa”, ou seja, a pontadas em vértice e colocadas no antebraço sendo estas divisas em seda ou lã preta. Desde 1808 que o equipamento dos Caçadores era maioritariamente de fabrico britânico, sendo as cartucheiras, cinturões e talabartes em couro negro. Este conjunto destinava-se a equipar os Batalhões armados com mosquete de Infantaria “Brown Bess India Pattern”. A partir de 1810 cada um dos batalhões de Caçadores passou a ter uma companhia de “Atiradores” armada com as carabinas de pederneira, estriadas, “Baker”, o que permitia realizar disparos de precisão até aos 250 metros. Estas Companhia tornaram-se em unidades com elevada experiência no uso destas carabinas. O equipamento que secundava estas armas era mais complexo envolvendo cartucheiras e polvoreiras para cargas separadas e uma bainha para os sabre-baionetas. Os oficiais, que inicialmente usaram a espada portuguesa do modelo de 1806, adoptaram o sabre inglês de 1796, com lâmina curva que era suspensa por um delgado talabarte de couro negro.⁹

⁹ Texto de Sérgio Veludo Coelho para o Museu Militar do Porto.



Figura 34. Modelo de Casaca de Infantaria de Linha¹⁰ 1806/1815 – Foto: Museu Militar do Porto.

No início da década de 1790, a casaca de Infantaria era já azul (desde 1764) com colarinhos, canhões, lapelas, virados e botões de várias cores, conforme os regimentos. Esta tipologia manteve-se até aos primeiros anos do século XIX, apesar de os colarinhos se terem tornado altos e direitos, de as capelas se terem encurtado e fechado sobre o peito, o que não impedia de as casacas terem uma aparência obsoleta. O desenho e corte dos uniformes de Infantaria e em geral dos fardamentos do Exército Português, foram grandemente simplificados no Plano

¹⁰ Réplica de 1910 (Comemorações do 1º Centenário da Guerra Peninsular).

de Uniformes de 19 de Maio de 1806. desde esse Plano todos os oficiais regimentais, sargentos e praças passaram a usar o mesmo tipo de casaca com abas curtas, com uma única fileira de botões a apertar sobre o peito e avivadas. A cor padrão dos uniformes era o azul-ferrete, com as golas, canhões e vivos ostentando as cores divisionárias e regimentais. As platinas dos ombros também eram em azul-ferrete, com um recorte de asas e com vivos de acordo com as Divisões territoriais, assim em couro os virados das abas posteriores das casacas. As cores divisionárias consistiam no encarnado para a Divisão Sul, branca para a do Centro e amarelo para a do Norte. Os botões seriam de metal amarelo para todos os regimentos. As tropas eram dotadas com um par de calças de tecido azul-ferrete, meias polainas de pano preto, um colete de mangas branco, uma “gravata” de couro preto, duas camisas, dois pares de sapatos de couro negro com solas ferradas e um par de meias curtas. A barretina do Plano de Uniformes de 1806 era feita de feltro negro, com frente levantada e redonda, sendo o topo reforçado com uma cobertura de couro preto. A chapa era oval e tinha estampada as Armas Reais Portuguesas. Esta chapa era feita de latão amarelo, assim como a banda onde era recortado o número regimental e que era colocada logo acima da pala da barretina. Para a Infantaria eram destinadas plumas brancas, ajustadas ao lado esquerdo da barretina, acima da roseta com as cores, encarnada e azul, da Casa Real. Os cordões eram suspensos à frente e à retaguarda da barretina, com uma trama mista de azul e da respectiva cor regimental. A partir de 1810 – 1811, esta barretina foi substituída por um modelo cilíndrico, mais simples e de concepção inglesa. Igualmente confeccionada em feltro preto, com reforço superior de couro da mesma cor. As plumas e a roseta foram deslocadas para o centro do rebordo superior frontal, e mantiveram essa chapa e a banda de latão. Os sargentos e praças eram armados com mosquetes, alguns do Real Arsenal do Exército e sobretudo com os famosos modelos ingleses “Brown Bess India Pattern”, ambos os tipos com baionetas de alvado. O equipamento, consistia em dois talabartes de couro banco, um suspendendo a patrona ou cartucheira, estas de couro negro, a outra suportando a bainha da baioneta. Contudo, dentro do programa de assistência britânica, muitos equipamentos, totalmente de couro preto, foram distribuídos às tropas.¹¹

¹¹ Texto de Sérgio Veludo Coelho para o Museu Militar do Porto.



Figura 35. Modelo de casaca ou farda da Leal Legião Lusitana¹² 1809/1811 – Foto: Museu Militar do Porto.

Feita em lã verde, assim como a gola, os canhões e as platinas. Os forros, os vivos, o acortelado e as franjas da platina são em lã branca. Os botões são metálico, colocados em três filas de oito a frente do dorso. As tropas da Legião usavam pantalonas verdes no Inverno e brancas no Verão, complementadas em ambos os casos por polainas de lona preta, sapatos ou botins de couro negro. A barretina era do modelo inglês, denominada “Stove-pipe”, com chapa e bandas de Catão, esta última com o triplo “L” da Leal Legião Lusitana. O conjunto era encimado pelo laço com as cores da Casa Real e tope verde. Os soldados da Legião estavam armados com mosquetes ingleses, do modelo “India Pattern”, excepto a Companhia de

¹² Réplica de 1910 (Comemorações do 1º Centenário da Guerra Peninsular).

Atiradores que estava equipada com carabinas raiadas do modelo “Baker”. O equipamento era constituído por cinto, talabartes, patrona e porta-baionetas com couro preto. Os oficiais tinham sabres ingleses de cavalaria ligeira do modelo 1796. A Leal Legião Lusitana foi formada com emigrantes Portugueses em Londres, fugidos à Invasão Francesa de 1807 – 1808, e mais tarde foi complementada com recrutamentos levados a cabo na cidade do Porto.

A Legião seria composta por batalhões de Infantaria Ligeira, mas só dois acabaram por ser organizados. Cada batalhão tinha dez Companhias e os efectivos das duas unidades ascendiam a 2.300 homens. Foi prevista a organização de três esquadrões de Cavalaria (Dragões), mas tal ficou sem efeito e só um pequeno corpo de guias a cavalo foi mobilizado. O suporte de fogo de Artilharia era fornecido por uma bateria de quatro peças de campanha ligeiros e dois obuses.¹³

¹³ Réplica de 1910 (Comemorações do 1º Centenário da Guerra Peninsular).



Figura 36. Réplica de Barretina de Infantaria da Guerra Peninsular a partir do modelo de 1810¹⁴ – Foto: Museu Militar do Porto.

A primeira dotação oficial de barretinas ao Exército Português deu-se com o Plano de Uniformes de 1806, embora já existissem registo do uso de modelos exclusivos pela Legião de

¹⁴ Réplica de 1910 (Comemorações do 1º Centenário da Guerra Peninsular).

Tropas Ligeiras e pela Guarda Real de Polícia. As barretinas de 1806 tinham uma aparência e originalidade portuguesas, embora se mostrassem de confecção e acabamentos algo complexos e dispendiosos. O modelo de 1806 possuía uma estrutura de feltro preto, com a frente elevada e rematada em redondo, com reforço de couro preto. A chapa e a banda com o número regimental eram em latão amarelo. A pluma e a “cocarde” com as cores reais eram colocadas lateralmente, sendo a barretina abraçada por cordões pendentes, estes com as cores regimentais e divisionárias. A partir de 1810 – 1811, o modelo de barretina de 1806 foi substituído pelo tipo mais simples, usado pelos ingleses. O modelo inglês com a designação anglo-saxónica de *stove-pipe* (forno de cachimbo), tinha uma configuração cilíndrica ou ligeiramente troncónica, conforme se pode observar no modelo representado. Também era feita de feltro negro, possuindo uma viseira de couro polido preto e reforçado no topo com couro. A chapa de latão com as Armas Reais era colocado no centro frontal da barretina e logo abaixo situava-se a banda, de latão, elevando-se um vértice ao centro. Nessa banda era recortado o número regimental, como já sucedia no modelo de 1806. As plumas, foram, para o modelo 1810 – 1811, deslocadas para o topo superior central da barretina, assim com o laço com as cores nacionais que lhe ficava logo abaixo. A adopção da barretina cilíndrica deveu-se à necessidade de reequipar rapidamente o Exército Português com material maioritariamente vindo de Inglaterra, dentro dos projectos de reorganização militar levados a cabo por Wellington e Beresford a partir de 1809. A barretina de 1806, para além de dispendiosa, era relativamente difícil de produzir, sobretudo num país devastado pelas tropas napoleónicas. Curiosamente serviria de inspiração à barretina inglesa de 1812, versão engenhosamente mais simples e eternizada, talvez injustamente, de “Belgie Shako” pela presença massiva na Batalha de Waterloo, em 1815. O modelo cilíndrico de 1810 serviria no Exército Português até à Guerra Civil de 1832 – 1834, coexistindo com a introdução progressiva das barretinas de topo de sino. Neste caso trata-se de uma réplica do *stovepipe shako* de origem britânica, utilizado nas comemorações do centenário da Guerra Peninsular, realizado em 1910, alguns dias antes da implantação da República.¹⁵

¹⁵ Texto de Pedro Soares Branco para o Museu Militar do Porto.

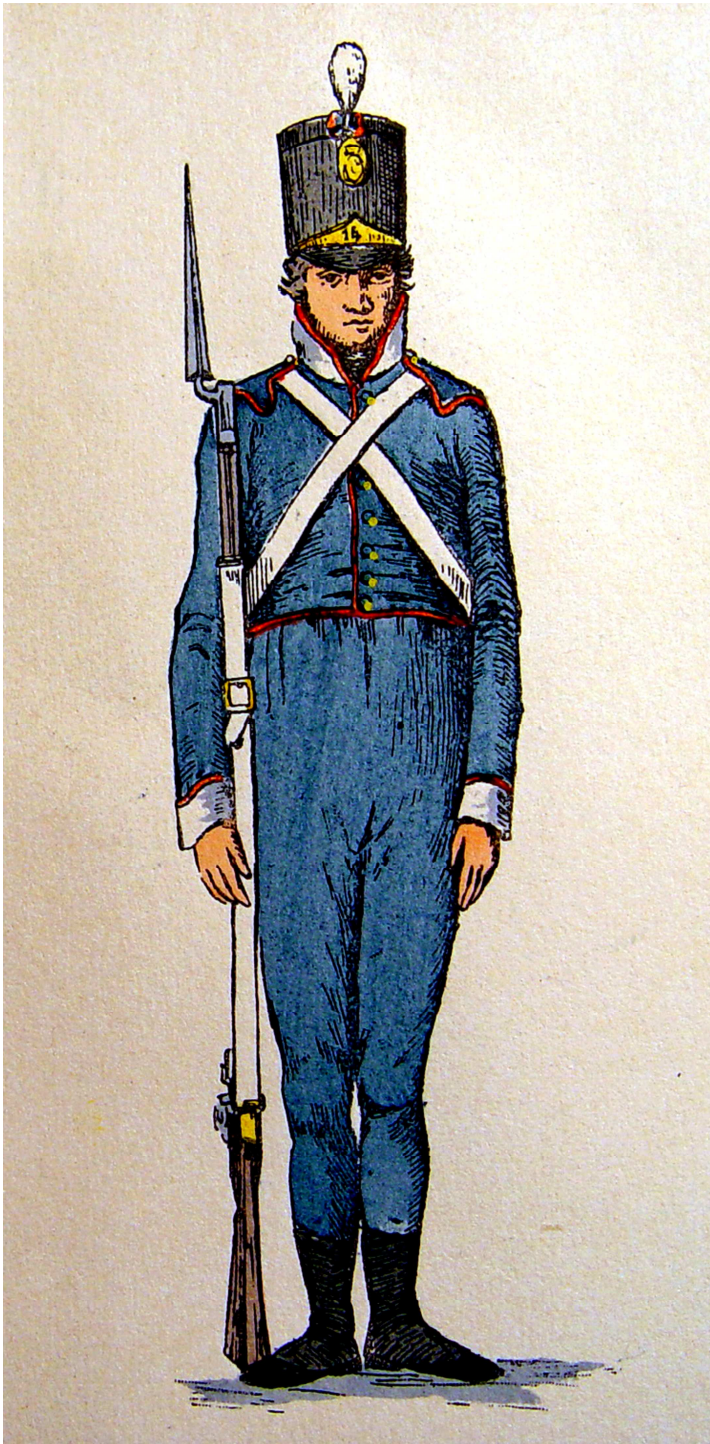


Figura 37. Ilustração francesa do Século XIX representando um soldado português do Regimento de Infantaria 14.¹⁶

¹⁶ Imagem gentilmente cedida por René Chartrand.

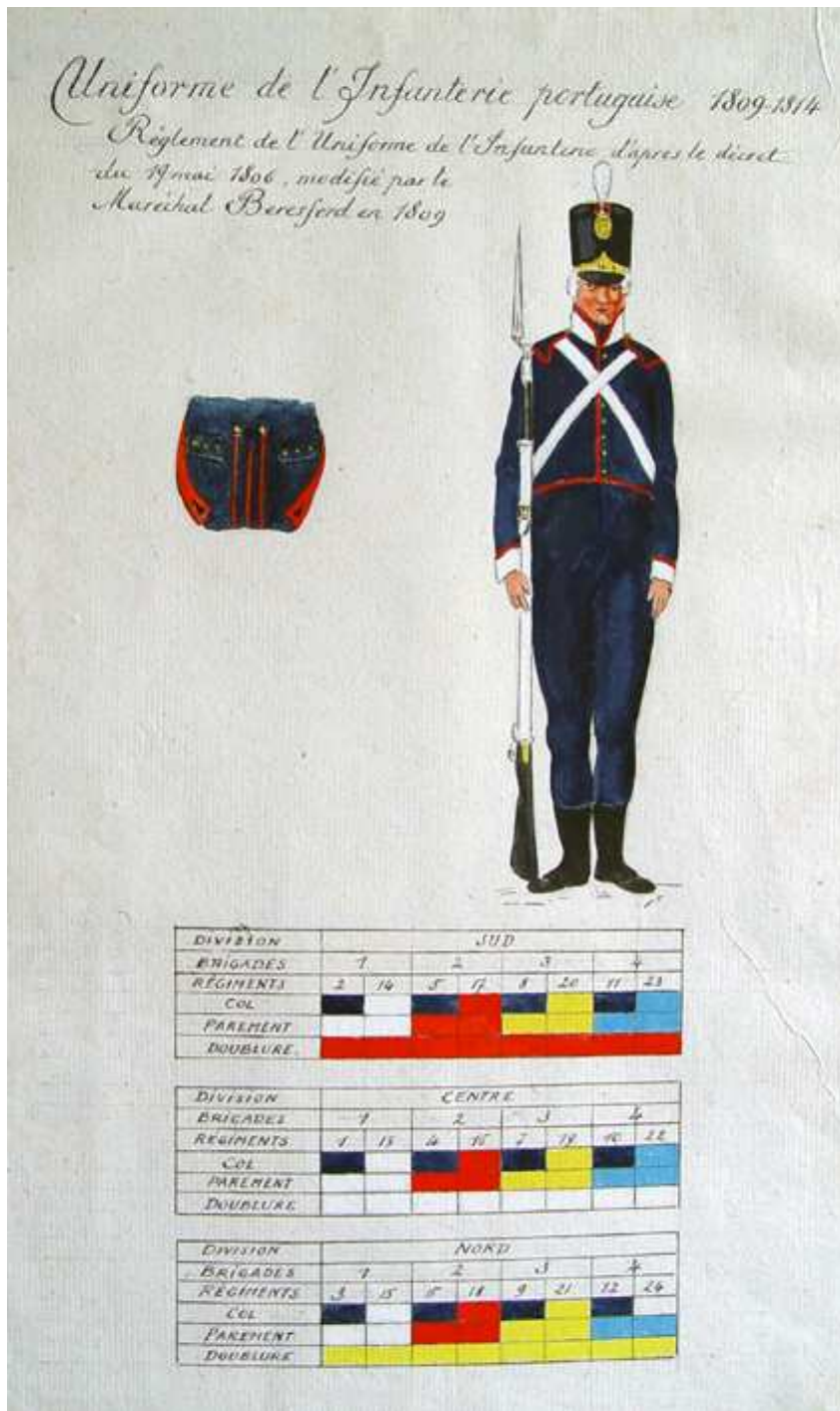


Figura 38. Ilustração francesa do Século XIX representando um soldado português do Regimento de Infantaria 14.¹⁷

¹⁷ Imagem gentilmente cedida por René Chartrand.



Figura 39. Ilustração portuguesa, da autoria de Ribeiro Arthur, representando um soldado português do Regimento de Infantaria 19.¹⁸

¹⁸ Imagem gentilmente cedida por René Chartrand.



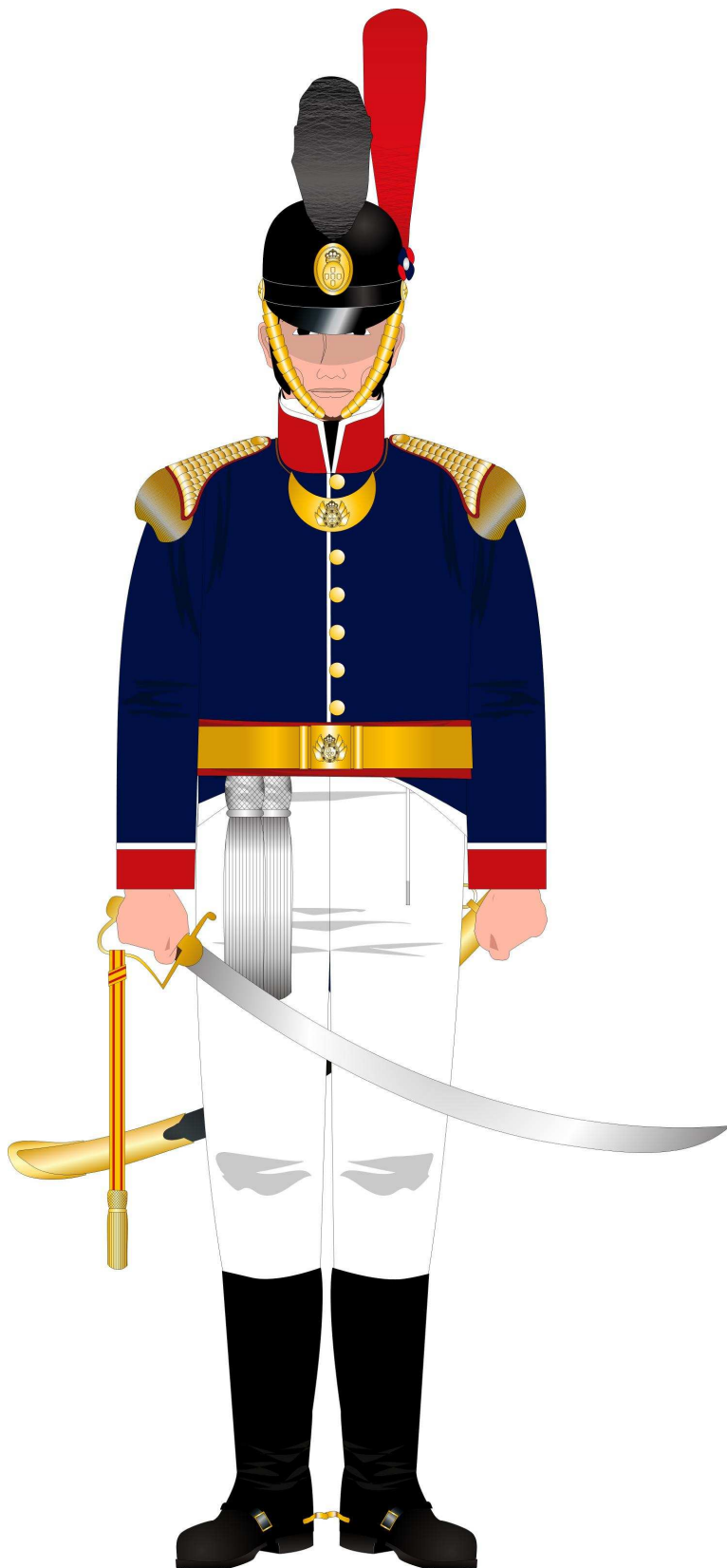
Figura 40. Ilustração representando um soldado português do Regimento de Artilharia 2.¹⁹

¹⁹ Ilustração de Sérgio Veludo Coelho.



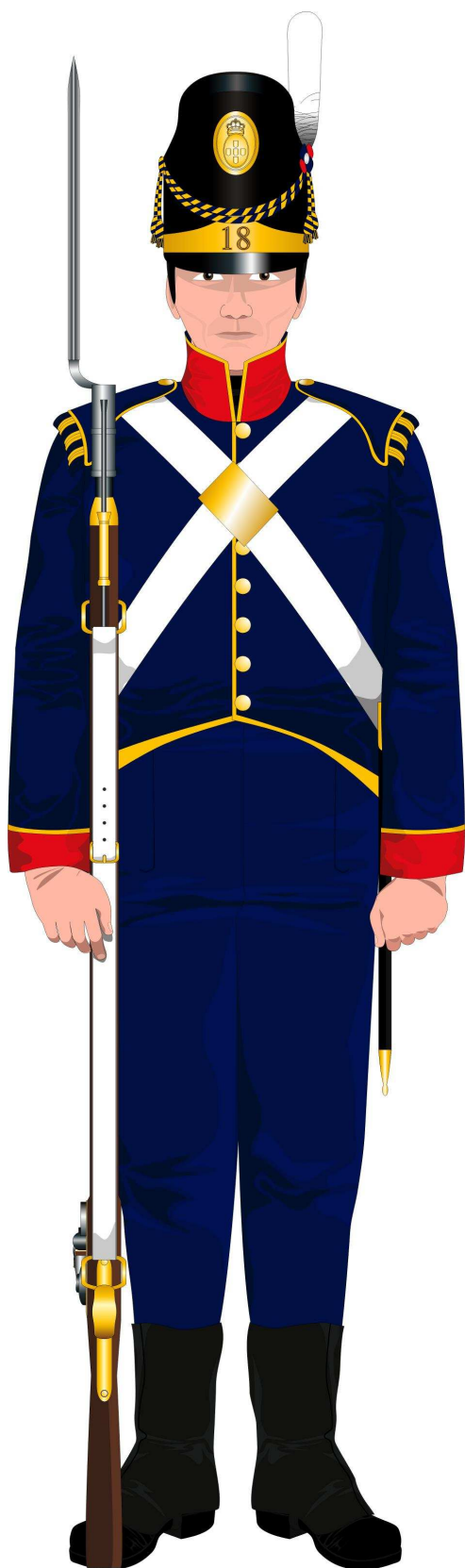
Figura 41. Ilustração representando um Oficial português do Regimento de Cavalaria 4.²⁰

²⁰ Ilustração de Sérgio Veludo Coelho.



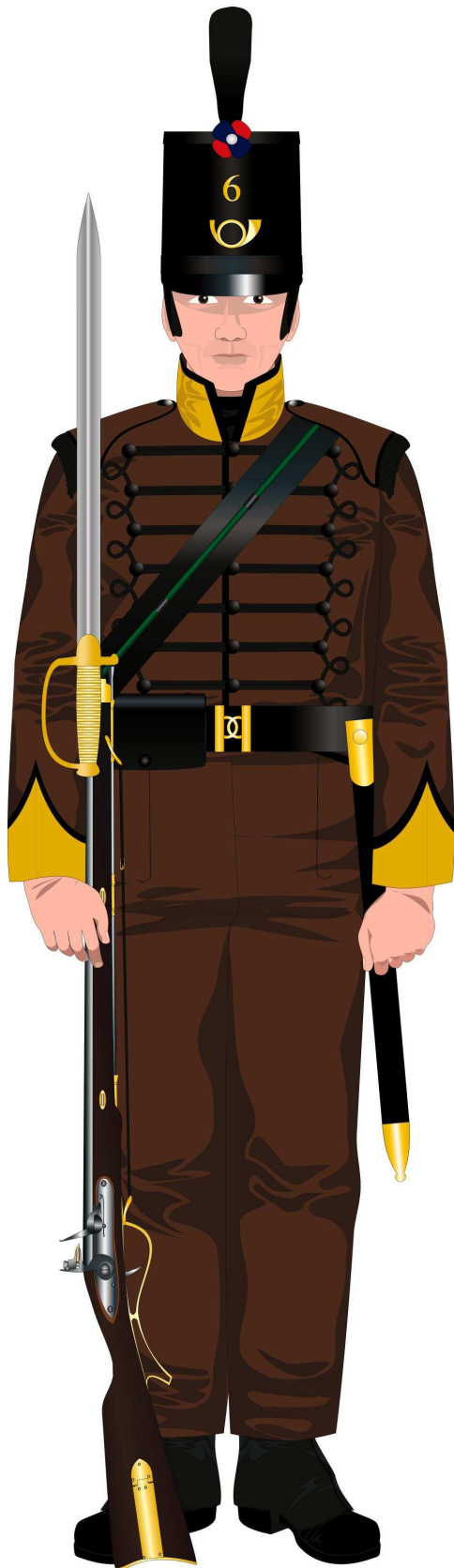
Oficial de Cavalaria 4
1806/1810

Figura 42. Infogravura de Sérgio Veludo Coelho.



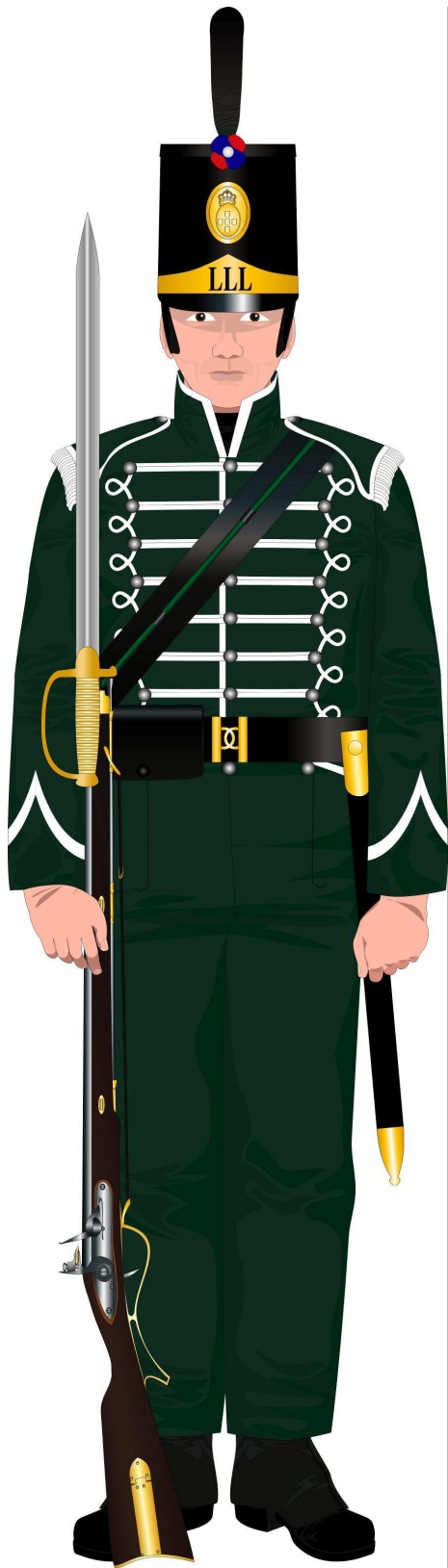
Soldado do
Regimento de Infantaria 18
1806-1810

Figura 43. Infogravura de Sérgio Veludo Coelho.



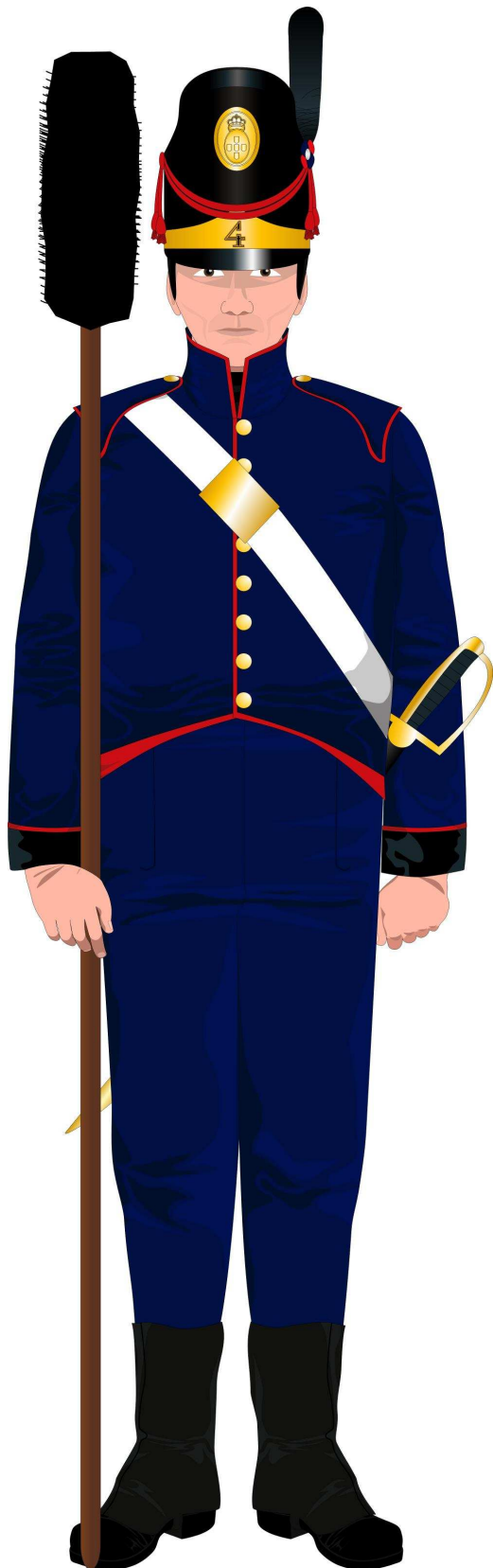
Soldado de Caçadores
1810-1814

Figura 44. Infogravura de Sérgio Veludo Coelho.



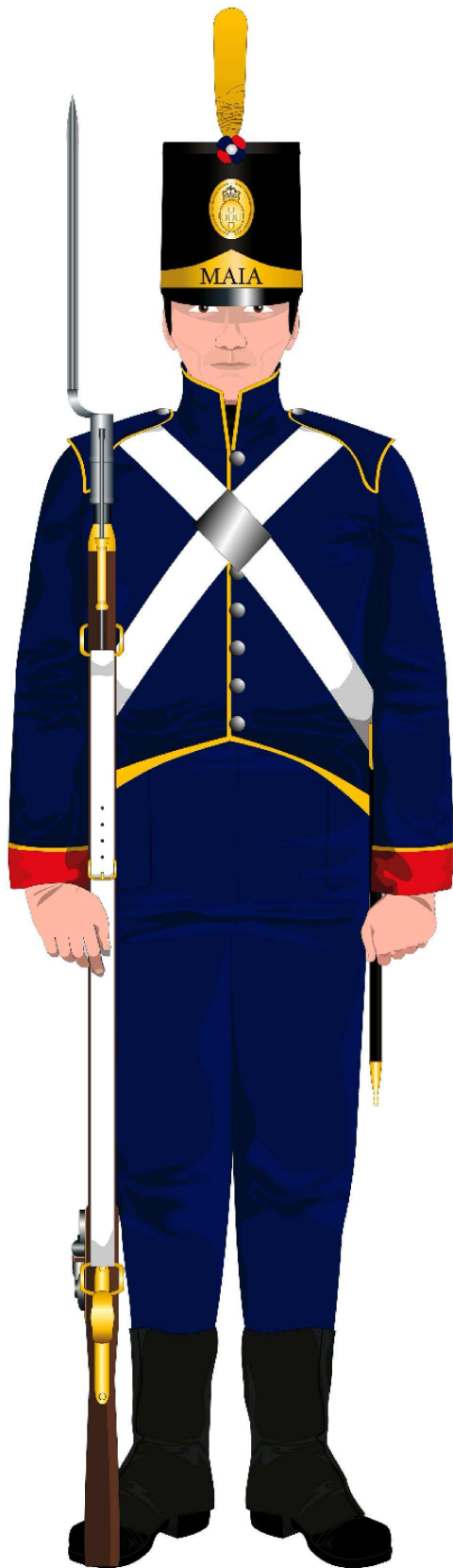
Soldado da
Leal Legião Lusitana
1809-1811

Figura 45. Infogravura de Sérgio Veludo Coelho



Soldado do
Regimento de Artilharia 4
1806-1810

Figura 46. Infogravura de Sérgio Veludo Coelho.



Regimento de Milícias da Maia 1809-1810
Figura 47. Infogravura de Sérgio Veludo Coelho



Soldado de Ordenancas
1807-1811

Figura 48. Infogravura de Sérgio Veludo Coelho



Figura 49. Peça ligeira de 1 libra sem reparo, Arsenal Real do Exército (1778) – Foto: Sérgio Veludo Coelho/Museu Militar do Porto.



Figura 50. Culatra e munhões de peça ligeira de 1 libra sem reparo, Arsenal Real do Exército (1798) – Foto: Sérgio Veludo Coelho/Museu Militar do Porto.



Figura 51. Pormenor da culatra de peça ligeira de 1 libra sem reparo, com a referência a Bartolomeu da Costa, Arsenal Real do Exército (1798) – Foto: Sérgio Veludo Coelho/Museu Militar do Porto.

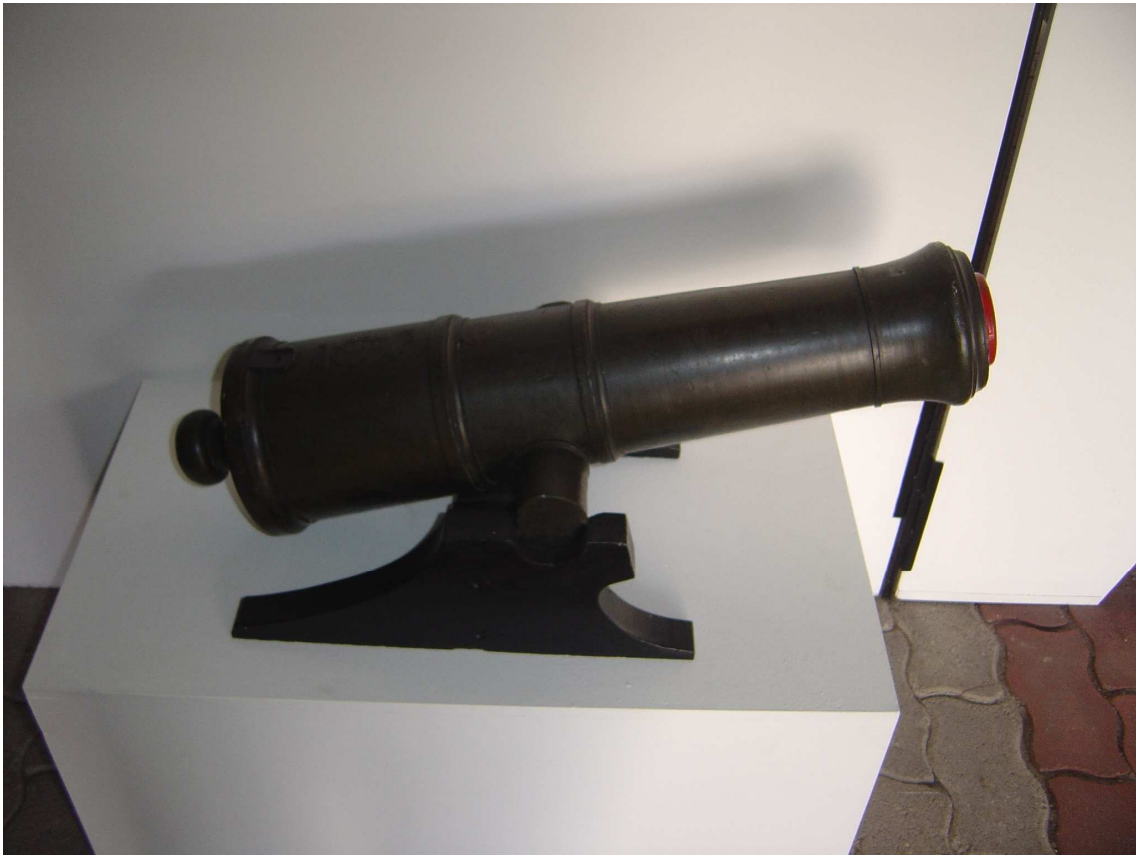


Figura 52. Peça de campanha de 3 libras sem reparo, Arsenal Real do Exército (1797) – Foto: Sérgio Veludo Coelho/Museu Militar do Porto.



Figura 53. Culatra e munhões de peça de campanha de 3 libras sem reparo, Arsenal Real do Exército (1797) – Foto: Sérgio Veludo Coelho/Museu Militar do Porto.



Figura 54. Pormenor da culatra de peça de campanha de 3 libras sem reparo, Arsenal Real do Exército (1797) – Foto: Sérgio Veludo Coelho/Museu Militar do Porto.

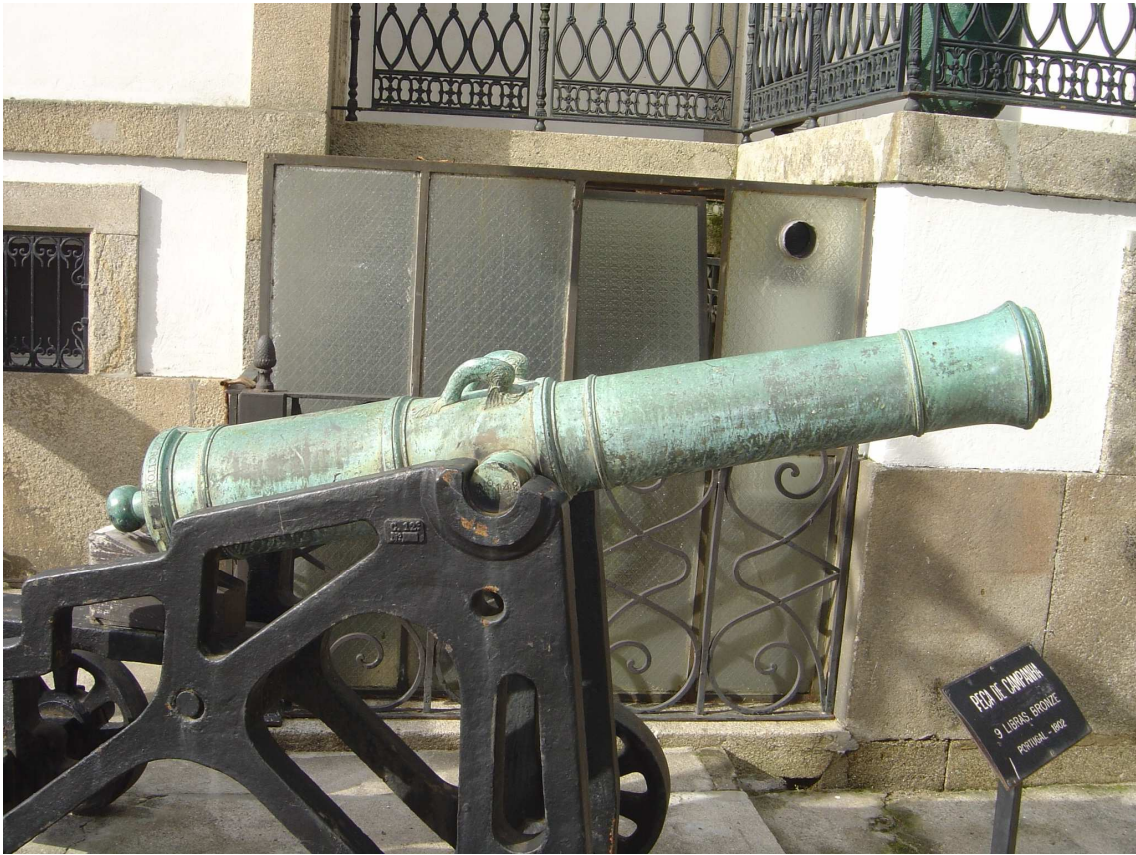


Figura 55. Peça de campanha de 9 libras em reparo descontextualizado, Arsenal Real do Exército (1802) – Foto: Sérgio Veludo Coelho/Museu Militar do Porto.



Figura 56. Vista posterior de peça de campanha de 9 libras em reparo descontextualizado, Arsenal Real do Exército (1802) – Foto: Sérgio Veludo Coelho/Museu Militar do Porto.



Figura 57. Pormenor da culatra de peça de campanha de 9 libras em reparo descontextualizado, Arsenal Real do Exército (1802) – Foto: Sérgio Veludo Coelho/Museu Militar do Porto.



Figura 58. Obus de campanha de 6 polegadas sem reparo, Arsenal Real do Exército (1778) – Foto: Sérgio Veludo Coelho/Museu Militar do Porto.



Figura 59. Culatra de obus de campanha de 6 polegadas sem reparo, Arsenal Real do Exército (1778) – Foto: Sérgio Veludo Coelho/Museu Militar do Porto.



Figura 60. Vista frontal de obus de campanha de 6 polegadas sem reparo, Arsenal Real do Exército (1778) – Foto: Sérgio Veludo Coelho/Museu Militar do Porto.